ANNO XXVII
NUM. 1.352

Preço para todo o Brasil 1$000

Rio de Janeiro, 11 de Agosto de 1928

PISANDO EM OVOS

EPITACIO — Toma cuidado, "seu" Assis. Por estes sitios ha cousas do arco da velha. Quanto mais escuridão, mais "lampeões".

A Senhorita "Doremifá"

E' A NOSSA professora de piano. Chama-se Dorothéa, mas eu prefiro chamal-a senhorita Doremifá. E' uma encantadora creatura, cheia de paciencia e delicadeza. Diz a mamãe que ella teve muitas desillusões e muitos desgostos amorosos. E' por isso, talvez, que o seu semblante se apresenta, ás vezes, tão melancholico. Entretanto, parece que ella sabe vencer essas maguas e tem sempre um doce sorriso nos labios.

COMO todos os que professam a nobre arte de ensinar e abusam do esforço cerebral e nervoso, a senhorita Doremifá, soffre de enxaquecas e dôres de cabeça com exgottamento nervoso e mal estar. Ella, porém, sabe combater tambem os males physicos. Com dois comprimidos de

CAFIASPIRINA

fica alliviada e recupera as energias por completo. Eis porque a professora traz sempre em sua bolsinha, um tubo de **Cafiaspirina.** "Isto, diz ella em linguagem musical, me conserva sempre 'em tom' e dentro do 'compasso'."

Um tubo de CAFIASPIRINA é a melhor defesa que se pode ter em casa contra as dôres de cabeça, de dentes, de ouvido; enxaquecas, nevralgias e consequencias de noites em claro e dos excessos alcoolicos. Allivia rapidamente, restaura as forças e não ataca o coração nem os rins.

Na proxima vez Stellinha vae ter o prazer de apresentar-lhes o cavalheiro que teve a dita de carregal-a nos braços, quando lhe puzeram agua na cabeça e sal na bocca.

PAGÉOL

Antiseptico urinario energico

Age rapida e radicalmente

Evita qualquer complicaçao.

Supprime as dôres da micçao

Conselho d'um velho gallo ao seu filho "Tome Pagéol."

O *Pagéol* descongestiona as mucosas das vias urinarias, e renova os tecidos; é um agente destruidor do gonococco, bem como de todos os microbios que podem associar-se a elle. E' a base do tratamento da arthrite ou do rheumatismo blenorrhagico, bem como da propria blenorrhagia

Dr BERTRAND, de *Malzeville* (France)

Établissements Chatelain

12 Grandes Premios

Fornecedores dos Hospitaes de Paris
3, r. de Valenciennes, em Paris
e em todas as Pharmacias.

Approvado pelo Departamento Nacional de Saúde Publica do Rio de Janeiro N. 277 - 6 de Maio de 1913

VAMIANINE

Producto scientifico

Syphilis, Doenças da Pelle

Agentes exclusivos no Brasil ANTONIO J. FERREIRA & Cia. — Caixa Postal 624

AVISO: Recusar todo e qualquer producto CHATELAIN que não tenha a etiqueta AZUL assignada "FERREIRA" e cujos prospectos sejam em lingua extrangeira.

CITHARA IDEAL

Qualquer pessoa executa sem saber musica. Cada Cithara em elegante caixa acompanhada de dez musicas, valsas, tangos, fados, operas, etc., chave, palhetas, cordas de sobresalente e instrucções claras, custa 30$, pelo correio mais 5$ para porte e embalagem garantida. Peçam prospectos a CUNHA GRAÇA & Cia. — Rua do Ouvidor, 133. — Rio de Janeiro. — Remette-se pelo correio para toda parte.

A maior felicidade de uma mãe...

E' usar a **GRAVIDINA**, formula do dr. Zuquim, medico parteiro com 25 annos de pratica. Approvada pela D. G. S. Publica, n. 144.

E' o GRANDE TONICO DA GRAVIDEZ, porque:

Prepara o parto facil;
Faz forte a mãe e o filho e
Facilita o bom aleitamento para
Crial-o ao seio da mãe.

A **GRAVIDINA** fornece ao organismo da mãe os elementos nobres para gerar um filho forte e saudavel, que é A MAIOR FELICIDADE DE UMA MÃE! Em vidros de 20 pastilhas assucaradas. Se a sua pharmacia não a tivér, A Pharmacia Ypiranga, Rua L. Badaró, 110, S. Paulo, remette-lhe 3 vidros reg. por 12$000. No Rio de Janeiro: Rudolph, Hess & Cia. Rua 7 de Setembro, 61.

GRAÇAS ÁS GOTTAS SALVADORAS DAS PARTURIENTES

do DR. VAN DER LAAN

Desapparecem os perigos dos partos difficeis e laboriosos.

A parturiente que fizer uso do alludido medicamento, durante o ultimo mez da gravidez, terá um parto rapido e feliz.

Innumeros attestados provam exuberantemente sua efficacia e muitos medicos o aconselham.

Vende-se aqui e em todas as pharmacias e drogarias.

Deposito geral:
ARAUJO FREITAS & C.
RIO DE JANEIRO

HUMORISMO

CAÇADA FUNEBRE

Por Barbosa Gotri

N'aquella manhã de sol, resplandecente de luz, ouvia-se pela matta o cantar das aves. Chegamos após extensa caminhada, ao cimo do monte Verna, — gigante de lendas infantis. Naquelle logar, os mugidos da floresta, perder-se-iam talvez nas nuvens, tal a altura do verde cimo do gigante. Descançamos á sombra de arvore secular, naquellas paragens erguida, pois a esse tempo o sol já ia alto. Depois de muitas peripecias, chegamos a um immenso planalto, onde abundava a caça. Soltos os cães, espingardas promptas, eis-nos em perseguição de grandes passaros, que evoluiam graciosamente, porém cahindo logo, varados pelo chumbo das nossas espingardas. Era um atirar sem conta, e o echo das detonações, repercutia fortemente nos grotões da serra. A caçada foi productiva, e quando o sol bem no alto, annunciava o meio dia, encontrou-nos já merendados, descançando á sombra Na volta, nas fraldas do morro, o sol desapparecia no céu por entre nuvens negras, carregadas de fluido electrico. Havia acontecido uma dessas vulgares mudanças bruscas de tempo, e dali á escuridão completa, pouco demorou.

O céo agora coberto, carrancudo, borrascoso, prenunciava tempestade horrivel! Para complicar-se mais tão tectrico scenario, augmentou o vento.

Cahiu o primeiro pingo, o segundo, outros mais, e a tempestade desencadeou-se furiosamente! Nós, heróes de tal passagem, molhados até os ossos, tremulos, aconchegados, caminhavamos a custo, atravez da densa escuridão da matta. Tinhamos perdido as espingardas e a caça, quando atravessámos caudaloso rio, Por ultimo, perdemo-nos tambem. Os raios, zigzagueando fuzilantes, cahiam sem cessar, Errámos pela matta até ao anoitecer, sob a chuva grossa, sob o vento em furia. Desesperamos então; era impossivel voltar, perdidos que estavamos em regiões desconhecidas. Haviamos parado perto de umas rochas, com o intuito de arranjar abrigo, quando ouvimos surdos roncos partidos da floresta! Eram as féras, talvez, que apavoradas, voltavam ao seu covil naquellas rochas. E como a confirmar as nossas tristes conclusões, pontos faiscantes, appareceram dentre as arvores! Instantes depois, eramos preza de tão temiveis adversarios. Meus companheiros, ainda se debatiam entre as garras possantes das onças esfaimadas. Eu resolvi vender caro a vida, investindo de punhal á dextra (pequeno punhal de algibeira que por sorte me restava), contra os barbaros felinos; e principiou a lucta, titanica, homerica, sobrehumana...

— Acordei nesse instante e agarrado ao tapete de meu quarto, (custosa pelle de leão), lutava furiosamente.

....

Quando meus companheiros chegaram, disse-lhes que não caçaria.

Tambem, que idéa essa, de caçar numa Sexta-feira Santa!

UM PROTESTO!

HOMENS SEM HONRA!

De volta de minha ultima viagem a Nova York e Buenos Aires, tive a surpreza de ver que augmentaram muito nos jornaes, durante a minha ausencia, as cópias e imitações mais vergonhosas dos meus annuncios.

No Rio de Janeiro, São Paulo e outros Estados do Brasil.

Em Pernambuco um pharmaceutico teve a audacia de copiar, palavra por palavra, o annuncio do meu remedio "*Ventre-Livre*".

Em São Luiz do Maranhão, outro, tão cynico quanto o primeiro, tambem copiou palavra por palavra o annuncio do meu remedio "*Regulador* **Gesteira**".

Aqui, em Belém (Estado do Pará), ainda um outro, com uma velha drogaria de terceira ordem, levou o cynismo ao ponto de passar a assignar-se Doutor e de copiar, de uma maneira verdadeiramente revoltante, os meus Livros, em que explico a acção dos meus tão conhecidos remedios.

Até isto!!

E assim muitos outros mais, todos elles tão indignos, tão vis, tão despreziveis que tenho repugnancia de cital-os.

Só queimados vivos, estes patifes!!

Augmentando, cada vez mais, o numero destes deshonestos, resolvi chamar a attenção dos doentes, para que se não deixem enganar.

Um homem que imita e copia annuncios ou Livros de remedios alheios dá uma prova publica de que é um homem sem honra e sem intelligencia!

Sim! sem honra e sem intelligencia!!

E um homem sem intelligencia, para escrever um annuncio ou um Livro, não poderá nunca ter capacidade para estudar e descobrir um bom remedio!

Publico este protesto, para que ninguem seja enganado.

Ha, felizmente, em todas as partes do Brasil, pharmacias e drogarias de inteira confiança, onde se podem comprar "*Regulador* **Gesteira**", "*Ventre-Livre*" e "*Uterina*", sem que sejam trocados por beberagens que nada valem.

Estes meus remedios vendem-se hoje em muitos paizes importantes.

Tão grande é a procura no estrangeiro e tão exaggerados e exorbitantes são os impostos no Brasil, que me vi obrigado a montar outro Laboratorio na America do Norte, para poder fabrical-os e vendel-os, nas outras nações, por preços mais baratos.

O endereço do meu deposito na America do Norte é o seguinte: *Maiden Lane* 129 — NOVA YORK.

De lá é que eu remetto para todos os paizes estrangeiros.

Da America do Sul, basta falar em Buenos Aires, a sua cidade maior e mais populosa, e onde ha um enorme rigor na approvação dos remedios.

Pois bem: em Buenos Aires os meus remedios são vendidos de uma maneira tão extraordinaria e vão augmentando tanto de procura, que resolvi estabelecer lá um grande deposito.

Os meus depositarios em Buenos Aires são os grandes industriaes Srs. Badaracco & Bardin, proprietarios da "*Pharmacia Franco-Ingleza*", a maior pharmacia do mundo, *leiam bem: a maior pharmacia do mundo!*

A grande *Pharmacia Franco-Ingleza*, tão admirada em Buenos Aires, só acceita a representação de remedios de primeira ordem e inteira confiança.

O endereço da "*Pharmacia Franco-Ingleza*" é o seguinte: Calle Sarmiento n. 581, Buenos Aires.

Com os endereços que dei de Nova York e Buenos Aires, qualquer pessoa poderá verificar se digo ou não a verdade, escrevendo, para obter informações.

A verdade, a grande verdade é esta: os meus remedios se vendem tanto e vão augmentando cada vez mais a procura, no Brasil e paizes estrangeiros, porque são realmente bons e preparados com todo cuidado, o maximo rigor e consciencia.

Sim! — "*Regulador* **Gesteira**", "*Ventre-Livre*" e "*Uterina*" são esplendidos remedios descobertos, por mim depois de muito trabalho e prolongados estudos!

Os homens sem honra, nem intelligencia, que copiam e imitam os meus annuncios e Livros, perdem, portanto, o seu tempo e não hão de poder enganar a ninguem.

Patifes!!

UMA DECLARAÇÃO

O Dr. J. Gesteira julga tambem conveniente declarar que não tem filial no Rio de Janeiro, nem em cidade alguma do Brasil.

O seu Laboratorio no Brasil, é em Belém, Estado do Pará.

Declara-o, para evitar que certos individuos sem escrupulos continuem a exploração torpe de seu nome, dizendo-se seus socios no Sul do Brasil, como tem sido informado por dedicados amigos.

UM PEDIDO AOS GERENTES DE TODOS OS JORNAES BRASILEIROS:

Fazendo questão de publicar este meu protesto em todos os jornaes brasileiros, sem excepção de um só, desde os das grandes capitaes e importantes cidades aos dos logares mais longinquos e modestos, peço aos Gerentes de todos elles que me escrevam informando o preço da publicação na 1ª, 2ª e 3ª paginas.

Quero saber quantos jornaes ha no Brasil, sem o esquecimento de um só!

Belém, Estado do Pará, avenida de Nazareth n. 95.

Dr. J. Gesteira

ANEMIA
NEURASTHENIA
DEBILIDADE
TUBERCULOSE
BIOTONICO
FONTOURA
REGENERA O
SANGUE
TONIFICA OS
MUSCULOS
FORTALECE OS
NERVOS
O BIOTONICO
É EFFICAZ EM AMBOS OS SEXOS E TODAS AS EDADES
INSTITUTO MEDICAMENTA
FONTOURA SERPE & C.IA
SÃO PAULO BRAZIL

Consagrado pelas maiores notabilidades medicas, em virtude do valor de sua formula, um dos maiores triumphos da industria pharmaceutica brasileira.

— o —

Biotonico Fontoura

corrige as Alterações nervosas, combate a Depressão e a Fraqueza, melhora as Funcções digestivas, auxilia a Assimilação, estimula a Actividade cellular e contribue para normalisar as Funcções do organismo, produzindo Energia, Força e Vigor, que são os attributos da Saude.

Exija o verdadeiro thermometro para febre "CASELLA-LONDON." — Reproduzimos **um que é falso** e que foi posto á venda no Brasil.

Representantes: WILLS, ELLIS & CO. — Caixa, 579, Rio.

DR. ARNALDO DE MORAES

Docente de Clinica Obstetrica da Faculdade de Medicina
De volta de sua viagem reassumiu o exercicio da clinica
Partos, cirurgia abdominal, molestias de senhoras.
Consultorio: — Rua da Assembléa, 87 — (Das 3 ás 5 horas)
— Residencia: — Travessa Umbelina, 13 — Telephones Beira-Mar 1815 e 1933.

Leiam o artistico Para Todos...

Todas as creanças do Brasil devem lêr O TICO-TICO

A MULHER DA ESCADA

Por AGATHA CHRISTIE

(Continuação do numero anterior)

— Muito difficil, meu amigo. — Mas, como você sabe, as difficuldades alegram o coração de Hercules Poirot.

— Você acha que "Os Quatro" tenham raptado Halliday?

Poirot disse que sim com a cabeça, e voltámos ao silencio. Quando chegamos em Paris, as nossas pesquizas extenderam-se forçosamente sobre um velho terreno, e pouco conseguimos saber além do que a sra. Halliday já nos dissera.

Poirot teve uma longa entrevista com o Professor Bourgonneau, durante a qual tentou elucidar um ponto da questão: si Halliday mencionára algum plano para aquella mesma tarde. Mas nada adeantámos mais sobre o assumpto.

Depois do professor, a nossa fonte mais proxima de informações era Madame Olivier, a sabia famosa.

Fiquei um tanto excitado, quando subimos as escadas da sua villa de Passy.

Sempre me parecera extraordinario uma mulher ir tão longe no mundo scientifico; sempre pensára que sómente um cerebro masculino fosse capaz de taes obras...

Fomos conduzidos a uma pequena sala e immediatamente a dona da casa veiu ter comnosco. Madame Olivier era uma senhora muito alta, cuja altura era ainda mais accentuada pelo comprido avental branco que usava; trazia na cabeça uma touca igual á das enfermeiras.

Tinha o rosto alongado e pallido e os seus maravilhosos olhos negros brilhavam com luz intensa. Parecia uma sacerdotisa de outr'ora, e não uma franceza moderna.

Uma das faces, tinha-a desfigurada por uma cicatriz; lembei-me então que o seu marido e collaborador morrera numa exmlosão do laboratorio, tres annos antes, e que ella propria ficára horrivelmente queimada.

Depois, ella, afastando-se do mundo, concentrára-se no seu trabalho e emprehendera com altiva energia, grande numero de pesquizas scientificas. Recebeu-nos com fria delicadeza e disse-nos:

— Fui varias vezes entrevistada pela policia, meus senhores. Provavelmente será difficil eu ajudal-os, desde que não fui capaz de auxiliar os outros.

— Madame, talvez eu não lhe faça as mesmas perguntas.

Para começar dga-me: sobre o que conversaram juntos, a senhora e Mister Halliday?

Ella pareceu um tanto surpreza.

— Mas... sobre o trabalho delle, que é tambem o meu — respondeu.

— E elle mencionou á senhora as theorias que recentemente annexou ao seu discurso, lido perante a Sociedade Britannica?

— Certamente. Mencionou. E foi principalmete sobre isso que conversámos.

— As idéas delle eram um tanto phantasticas, não? — disse Poirot, com descuido.

—Muitos pensaram assim. Mas eu não concordei com elles.

-- A senhora considera-as realizaveis?

— Perfeitamente realizaveis.

A minha propria ordem de pesquizas tem sido algo semelhante á delle, embora não seja traçada para o mesmo fim.

Estive investigando os raios "gamma," emittidos pela substancia geralmente conhecida como Radium C, e, assim fazendo, deparei com certos phenomenos muito interessantes, de magnetismo. Mas ainda não é tempo de dar ao mundo as minhas descobertas. Por isso, as experiencias de Mr. Halliday foram-me extremamente agradaveis.

Poirot concordou e fez então uma pergunta que me surprehendeu:

— Madame, diga-me: onde conversou a senhora com Halliday, sobre essas cousas? Aqui?

— Não, senhor. No laboratorio.

— Posso vêl-o?

E encaminhou-se para a porta, pela qual entrara e que dava para um corredor pequeno.

Passamos por outras duas portas e achámo-nos no enorme laboratorio, cheio de utensilios, cujos nomes eu proprio ignorava. Lá estavam duas pessoas, occupadas nalguma experiencia, de certo. Madame Olivier apresentou-as:

— A senhorita Claudia, uma das minhas assistentes.

Uma moça alta e de rosto sério inclinou-se, cumprimentando-nos.

— O senhor Henrique, meu velho amigo.

O rapaz tambem se inclinou. Poirot olhou ao seu redor. Havia duas portas, além daquella por onde tinhamos entrado. Uma — explicou Madame Olivier — conduzia ao jardim, e a outra, a um quarto menor, tambem consagrado ás experiencias.

Poirot observou tudo isso e depois declarou-se prompto para voltar á sala.

— Madame: a sra. estava só com o sr. Halliday, durante a entrevista?

— Sim, senhor. Os meus dois assistentes estavam no quarto pequeno, ao lado da porta.

— E a palestra não poderia ter sido ouvida por elles ou por alguem mais?

Madame reflectiu um pouco e depois sacudiu a cabeça:

— Penso que não. Todas as portas estavam fechadas.

— E não podia estar alguem escondido no quarto?

— Ha um grande armario a um canto do quarto, mas a idéa é absurda.

— Não de todo, minha senhora. E... diga-me: o sr. Halliday fez alguma referencia aos seus planos para a tarde?

— Não, elle nada disse.

— Então, obrigado, madame. Peço-lhe desculpas por têl-a incommodado. Não se preoccupe comnosco. Sabemos o caminho.

Parámos do lado de fóra, no "hall." Uma mulher vinha justamente entrando pela porta da frente, quando ali chegámos. Ella correu pela escada acima e eu poude observar que trajava de luto pesado. Devia ser viuva.

— Um typo pouco commum, o desta mulher — notou Poirot, quando iamos embora.

— Quem? — respondi — Madame Olivier? Sim, ella é...

— Mas não! — interrompeu-me Poirot. — Não é Madame Olivier. "Cela va sans dire..." Ha muitos genios da sua estampa no mundo. Eu me referia á outra senhora — á da escada...

— Não lhe vi o rosto — disse eu, parando. — E como conseguiu você vêl-o, si ella nem sequer olhou para nós?

— Por isso é que eu disse que ella era um typo pouco commum — respondeu Poirot, calmamente. — Uma mulher que entra em sua casa, (pois

presumo ser essa a sua casa, tendo-a visto entrar com uma chave, e sobe escada acima, sem sequer olhar para os dois visitantes estranhos que estão no "hall," uma mulher assim é exquisita devéras! Mas... Com mil trovões! O que é isto?

E Poirot puxou-me bruscamente para traz. Era tempo.

Uma arvore se partira e cahia no chão da alameda, mas sem nos tocar.

Poirot olhou para esse lado, pallido e transtornado.

— Isto estava preparado — exclamou elle. — Mas em todo o caso, eu não podia desconfiar... No emtanto, si eu acreditar nos meus olhos, verdadeiros olhos de gato, Hercules Poirot devia agora mesmo ser eliminado do numero dos vivos. Seria uma terrivel catastrophe para o mundo! E você tambem, meu amigo, embora isso não fosse uma calamidade nacional!

— Obrigado — disse eu, friamente. — Mas o que iremos fazer agora?

— Fazer? — gritou Poirot .— Nós vamos é pensar!

Vejamos: este senhor Halliday, este vê "realmente" em Paris?

Sim, porque o Professor Bourgonneau, que o conhece, viu-o e falou com elle.

— Mas, o que está você imaginando?, — exclamei.

— Ora — continuou Poirot. — Isso aconteceu na sexta-feira de manhã. Halliday foi visto pela ultima vez, ás onze horas da noite, nesse mesmo dia. Mas... tel-o-iam de facto visto?

— Sim, pois o porteiro...

— Era um porteiro nocturno, que não tinha visto Halliday antes. Chega ao hotel um homem parecido com Halliday — talvez fosse até o "Numero Quatro" — pergunta pelas cartas, sôbe as escadas, embrulha uma porção de roupa e, vae embora na manhã seguinte. Ninguem viu Halliday durante toda essa tarde, porque elle já estava em poder dos seus inimigos.

E... seria Halliday memo que Madame Olivier recebeu?

Sim, pois embora ella só o conhecesse de nome, um impostor difficilmente poderia falar sobre o seu ramo de sciencia, sem ser desmascarado.

Logo, elle esteve lá; foi á entrevista e sahiu. Mas, o que aconteceu depois?

Segurando-me pelo braço, Poirot arrastou-me novamente para o lado da "villa."

— Agora, meu amigo, imagine que hoje é o dia seguinte ao do desapparecimento de Halliday, e que nós estamos procurando as suas pegadas no chão. Veja: aqui estão as pegadas de um homem, de Haliday. Elle caminhava para a direita, como nós.

Mas, eis tambem as marcas de outros passos que o seguiram muito depressa; são pés pequenos, pés femininos. Ella o faz parar. E' uma mulher moça, coberta com um véo de viuva, e diz-lhe:

— Desculpe, senhor; mas Madame Olivier mandou chamal-o novamente.

Halliday detem-se e volta. Mas, onde o conduz a mulher?

Não desejando que o vejam passar com ella, pára justamente no logar em que uma alameda estreita divide dois jardins, dizendo-lhe:

— Esse caminho é o mais curto, monsieur.

A' direita fica o jardim da villa de Madame Olivier; á esquerda, o jardim da outra villa, e desse jardim é que cáe uma arvore, então.

Preste attenção: as portas dos jardins das duas villas dão para a alameda. Estava feita a cilada. Alguns homens sáem da villa accommettem Halliday que a quéda da arvore prostrára, vencem-no e o carregam para dentro da casa.

— Mas, pelo amor de Deus, Poirot! — exclamei. — Você está realmente imaginando isso tudo?

— Estou vendo com os olhos do espirito, meu amigo. Sómente assim é que poderia ter acontecido.

Mas, vamos até á casa!

— Você quer vêr Madame Olivier outra vez?

Poirot sorriu de modo singular.

— Não, Hastings; quero é vêr o rosto da mulher da escada.

— Quem será? Alguma parente de Madame Olivier?

— Não; é mais provavel que seja uma secretaria, e uma secretaria arranjada ha muito pouco tempo.

Um rapazinho abriu-nos a porta

— Você póde dizer-nos — perguntou Poirot — o nome da senhora de luto que entrou aqui agora mesmo?

— Madame Veroneau, a secretaria?

— Sim, essa mesma. Diga a ella que nós queremos falar-lhe.

O rapaz foi procural-a, mas voltou logo, dizendo:

— Madame Veroneau sahiu de novo.

— Não é verdade — replicou Poirot. — Diga o meu nome: Hercules Poirot, e accrescente isto: que é importante que eu fale com ella já, sinão irei agora mesmo á Prefeitura.

Novamente partiu o mensageiro.

Desta vez, a mulher desceu e encaminhou-se para a sala. Nós a acompanhámos. Quando ela levantou o véo, reconheci com grande surpreza a nossa velha antagonista Condessa Rossakoff, uma russa que organizára um roubo de joias em Londres, ha pouco tempo.

— Logo que vi o sr. no "hall," fiquei assustada — disse a condessa a Poirot, com ar de queixa.

— Minha cara condessa Rossakoff — começou elle.

Mas ella saccudiu a cabeça.

— Agora sou Ignez Veroneau — murmurou. — Uma hespanhola casada com um francez. O que quer de mim, mr. Poirot? O sr. apanhou-me aquella vez em Londres. Agora, não me ponha a perder, dizendo a Madame Olivier quem eu sou? Sim?

Nós, os pobres russos tambem precisamos viver!

— E' cousa mais séria do que isso, madame — disse Poirot, observando-a. Quero entrar na villa e pôr em liberdade Halliday, si elle ainda estiver vivo. Sei tudo. Não vale a pena negar.

Vimos o seu repentino pallôr. Ignez mordeu os labios, e depois disse, com subita decisão:

— Elle ainda vive, mas não está na villa. Mas, eu quero fazer um ajuste com o senhor. Deixe-me em liberdade e eu deixarei Halliday são e salvo para o senhor.

— Acceito — respondeu Poirot. — Eu ia lhe propor o mesmo ajuste.

Mas então, a senhora trabalha agora para "Os Quatro"?

A condessa empallideceu mortalmente, mas não respondeu á pergunta.

— Dá-me licença para telephonar?

E dirigindo-se ao apparelho, pediu um numero.

— O numero da villa, — explicou — onde elle está preso. E accrescentou:

— Si quizer póde dar esse numero á policia, mas quando chegarem o ninho já estará vasio.

...Ah, é você, André? Sou eu, Ignez. O Belga já sabe tudo.

Mande Halliday para o hotel e retire-se.

Desligou o apparelho e vem até nós, sorrindo.

— A sra. nos acompanhará até o hotel, madame.

— Naturalmente. Iremos juntos.

Tomámos um taxi e durante o caminho, eu poude vêr, pela cara de Poirot, que elle estava perplexo. A "cousa" parecia facil demais. Chegámos ao hotel. O porteiro dirigiu-se a nós, dizendo: Acaba de chegar um senhor. Está nos seus aposentos. Parece muito doente. Uma enfermeira veiu junto com elle e já se foi embora.

— Está direito — disse Poirot. — E' um amigo meu.

Subimos as escadas e fomos para o quarto.

Sentado numa poltrona, perto da janella, estava um rapaz de olhar desvairado e que parecia no ultimo estado de fraqueza e abatimento. Poirot encaminhou-se para elle:

— O sr. é John Halliday — perguntou.

O homem disse que sim.

— Mostre-me então o seu braço esquerdo. Halliday tem um signal mesmo em cima do cotovello esquerdo.

O homem estendeu o braço. O signal ali estava. Poirot fez um gesto, e a condessa nos deixou sós.

Um copo de Crandy reanimou um pouco John Halliday.

— Ah, meu Deus! — exclamou elle. — Estive no inferno, no inferno! Esses meus inimigos são uns verdadeiros demonios! Onde está minha mulher? O que pensa de mim? O que dirá do meu desapparecimento?

— Sua esposa o está esperando, com a menina. A confiança que tinha no sr. não foi abalada.

— Graças a Deus! Parece-me impossivel eu estar livre outra vez!

— Bem — disse Poirot — Agora que o sr. está melhor, eu desejaria saber como se déram os factos, desde o começo.

Halliday olhou para elle, com indescriptivel expressão.

— O senhor já ouviu falar n'"Os Quatro"?

— Sim, algumas vezes.

— Mas o sr. não sabe o que eu sei! Elles são de um poder illimitado! Si ficar silencioso, poderei salvar-me, mas, si disser uma palavra, eu e todos os meus soffremos horrores indiziveis.

Portanto, não me perguntem nada. Não me lembro... nada sei

E, levantando-se, dirigiu-se para o quarto.

(Continúa na pagina 59)

O Malho

(PROPRIEDADE DA SOCIEDADE ANONYMA "O MALHO")

Redactor-Chefe: OSWALDO DE SOUZA E SILVA

Director-Gerente: ANTONIO A. DE SOUZA E SILVA

Assignaturas — Brasil: 1 anno, 48$000; 6 mezes, 25$000 — Estrangeiro: 1 anno, 85$000; 6 mezes, 45$000

As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem tomadas e serão acceitas annual ou semestralmente. Toda a correspondencia, como toda a remessa de dinheiro, (que póde ser feita por vale postal ou carta registrada com valor declarado), deve ser dirigida á Sociedade Anonyma O MALHO — Rua do Ouvidor, 164. Endereço telegraphico: O MALHO — Rio. Telephones: Gerencia: Norte, 5.402. Escriptorio: Norte, 5.818. Annuncios: Norte, 6.181. Officinas: Villa, 6.247.
Succursal em São Paulo, dirigida pelo Dr. Plinio Cavalcanti — Rua Senador Feijó n. 27, 3° andar, Salas 86 e 87

Dois discursos de Amaury de Medeiros

O exame medico pre-nupcial e a febre amarella levaram á tribuna da Camara dos Deputados, em momentos de maior opportunidade, pela discussão de ambos estes problemas nacionaes, o sr. Amaury de Medeiros.

Num como noutro assumpto, o medico culto prestou á argumentação do legislador um brilho que a imprensa foi quasi unanime em registrar. E os que dissentiram das idéas do orador não poderam fugir ainda á necessidade de tambem vir dizel-o de publico, pela tribuna parlamentar, a cathedra professoral, ou a tribuna jornalistica. Ainda uma homenagem implicando essa contestação do representante pernambucano.

Exame medico pre-nupcial e febre amarella são problemas que têm ligação da mais estreita intimidade com a vida social e economica do Brasil.

Seria muito exigir de todos os legisladores, na obscuridade de educação politica em que inda nos achamos, uma attenção permanente, uma discussão sensata e serena, até ao ponto de serem as idéas victoriosas (que só poderiam ser essas defendidas pelo sr. Amaury de Medeiros em favor da collectividade), convertidas em leis.

As duas casas do Congresso estão cheias de medicos e, entre os leigos, em medicina, alguns homens cultos e talentosos, que bem poderiam com o seu raciocinio emprestar solidariedade valiosa para a solução desses problemas.

Mas as élites e os technicos, cada dia mais displicentes ante a subversão alarmante de todas as normas da razão, da logica, do bom senso, deixam-se ficar á espera do que desejem fazer os incapazes...

Ahi está porque achamos justo que o dr. Amaury de Medeiros não deixasse apenas á vista das traças nos massudos e insipidos annaes da Camara, aquelles seus dois discursos, agora elegantemente impressos com os titulos: *"O exame medico pre-nupcial perante a Camara dos Deputados"* e *"O Problema Nacional da Febre Amarella"*.

"Revista Clovis Bevilaqua"

(Orgão do Centro Academico Farias Brito, da Faculdade de Direito do Ceará)

Foi ha pouco fundada em Fortaleza o orgão de diffusão scientifica cujo nome encima estas linhas. Recebemos-lhe o primeiro numero, magnificamente collaborado por professores e estudantes de Direito e com aspecto material agradavel.

Dirigida pelo academico Virgilio Firmeja, a "Revista Clovis Bevilaqua" publica nesta sua primeira edição, que é em homenagem ao cathedratico da Faculdade dr. Mattos Peixoto, agora empossado na presidencia do Estado, trabalhos assignados por Walter Pompeu, dr. Moraes Correia, dr. Thomaz Pompeu, Josaphat Linhares, Moacyr Sobreira, Aldo Prado, Oswaldo Jucá, Virgilio Firmeja, Ubyrajara Negreiros, Djacir Menezes, M. Oliveisa Pombo e dr. Andrade Furtado.

A redacção explica o titulo escolhido para a revista com estes justos conceitos:

"Clovis Bevilaqua, — eis o nome a consubstanciar todos os nossos anhelos em prói do Direito e da Justiça, da perfeição juridica e idéal do homem ao circulo grandioso pelo seu fim que a moral envolve.

"O maior civilista patrio que as landes do Brasil cercam como a quererem prendel-o num anseio de mãe carinhosa, — expoente por excellencia da perfeição humana — trará com o seu nome a divulgar o nosso pensamento, o mais precioso auxilio á legitima consagração da mentalidade moça desta terra alencariana que tanto o venera e tanto lhe quer na sua ansiedade gloriosa".

VOZES...

Canção brasileira, musicada pelos versos do "Rito Pagão"

Thiers Cardoso, que é nosso collega de imprensa, inspirou-se nos versos do "Rito Pagão" da poetisa Rosalina Coelho Lisbôa Müller, para compor uma bella e dolente canção brasileira, dessas que faz bem á alma cantar ao luar...

Fez de "Vozes...", musica e letra em conjunto, uma artistica edição, e della nos enviou um exemplar.

E' esta gentileza que aqui registramos com agradecimento.

SOLUÇÃO DA CARTA ENIGMATICA DE 28 DE JULHO

Desde o rapto das sabinas, que as mulheres se agitam pela sua emancipação politica e social.

Aqui no nosso paiz, ellas acabam de obter um lamentavel fracasso devido talvez ao n. 9, que foram as eleitoras que votaram nas eleições do Rio Grande do Norte.

Nós achamos porém, que 9 mulheres, fóra da politica, podem fazer muito mais pela Patria, em 9 mezes...

— Doutor, é verdade que meu marido morreu?
DR. PAPAGAIO — Ah! era seu marido? Então, passou a "melhor vida".

THE RIO DE JANEIRO
FLOUR
BUDA-NACIONAL
MILLS
AND
GRANARIES
LIMITED
MOINHO INGLEZ
5 KILOS
Para toda sorte de bolos e doces a farinha — BUDA-NACIONAL — do Moinho Inglez, é a mais conveniente: — é pura e finissima.
Peça ao seu armazem:
SECC. PROP. MOINHO INGLEZ J.P.
FARINHAS
DO
MOINHO INGLEZ

NOROESTE DE SÃO PAULO

(ESPECIAL PARA "O MALHO". POR DANIEL VALENTE)

Acommodamo-nos, na estação da Luz, em S. Paulo, no confortavel "Pulman" da E. de F. Paulista, que nos levaria a Iturapina, de onde, baldeando para a bitola estreita, seguiriamos em demanda de Baurú. Levavamos a certeza do interesse que desperta, a um brasileiro moderno, uma viagem á zona noroeste do progressista Estado de S. Paulo.

Já se formou uma lenda em torno dessa terra privilegiada da "noroeste" e as fortunas que o café — rei dominante do Brasil — distribue por lá, seduzem os mais timidos.

Ha mesmo um rifão: Na "noroeste" é pobre aquelle que tem menos dinheiro".

UM NOVO BANDEIRANTE

Quem não puxa dedo de prosa em wagon de estrada de ferro, não é bom brasileiro.

O viajante, quando lhe dissemos que faziamos a nossa primeira viagem á "Noroeste", arregalou os olhos admirados. Para aquelle homem, não conhecer a sua terra era uma cousa estranha.

Comprehendi logo a opposição que existia entre nós dois, mas fingi não comprehender e insisti. Elle explicou: — "Sou advogado, mas quasi não advogo, negocio em terras e faço essa viagem, de S. Paulo a Baurú e vice-versa, umas cinco vezes por mez. Quando chego a Baurú não paro. Lá vou pela "Noroeste" a dentro: hoje em Cafelandia, amanhã em Araçatuba. Desta vez vou ao Rio Peixe. Vivo rodando".

Olhei de frente o novo bandeirante. O homem sorriu um sorriso desconfiado de matuto.

Apezar do talho elegante de sua roupa, tudo nelle era sertão. O rosto queimado e partido em angulos duros, os olhos miudinhos brilhando dentro das orbitas...

BAURU'

Amanhecemos em Baurú.

Baurú é a bocca da "Noroeste".

Baurú vomita, ás toneladas, todo o café das innumeras fazendas que se estendem de suas portas até as fronteiras de Matto Grosso.

Baurú não é uma cidade bonita.

Dentro de um areão, ella é um quadrado de casas que vae da praça Machado de Mello até á Matriz, lá no fim da rua principal.

Baurú contenta-se em possuir o necessario para ser uma grande cidade do interior.

Como é um ponto de passagem obrigatorio aos viajantes, possue muitos hoteis e muitos bancos, porque é um centro forçado para negocios. E tem, tambem, ruas largas, automoveis de classe, clubs, theatros, cinemas, jogo, mulheres bonitas.

Baurú ficou grande cidade e augmentará sempre por necessidade, para servir tres estradas de ferro que nella se cruzam: — a Paulista, a Sorocabana, a Noroeste.

O ESTIRÃO DA NOROESTE

Passamos um dia e uma noite em Baurú. Ouvimos conversas fabulosas sobre negocios extraordinarios: — mil contos p'ra cá, mil contos p'ra lá. A' noite, "jazz-band" e "Champagne" no cabaret, genero Far-West norte americano.

Na manhã seguinte, tomamos a E. de F. Noroeste, para Albuquerque Lins, de onde seguiriamos, mais tarde, para Araçatuba.

A E. de F., que o governo federal explora, servindo os habitantes dessa zona privilegiada — a que mais lucro dá na producção do café — está abaixo da critica.

Em contraste com os trens da Paulista, tudo é máo, nesta terrivel E. de F. Os wagons saltam nos trilhos, em uma dansa macabra, ora velozes e desesperados, ora morosos se arrastando. E' preciso fechar todas as vidraças para evitar a poeira e a fumaça sem fim das locomotivas velhas. O calor dentro dessas gaiolas envidraçadas asphyxia e, através dos vidros sujos, vê-se a paysagem, envolta na poeira vermelha que sóbe da terra.

Até á linha do horizonte estende-se o cafezal. Para a direita, para a esquerda, para a frente e para trás, tudo é um immenso cafezal.

Tem-se a impressão que não é possivel ao homem tamanho esforço, tal é a brutalidade da extensão do plantio... Mas foi o homem quem fez tudo isso. Foi o brasileiro de Minas, do Nordeste e da Bahia, foi o russo, o allemão, o italiano, o japonez, o syrio. Da ambição do paulista e do trabalho voraz desses homens fez-se uma cousa inedita na historia. De uma

O Laboratorio do "Curatosse" e do "Peptol"

O adeantado pharmaceutico Sr. Pedro Teixeira Dantas teve a amabilidade de nos communicar a installação nesta cidade, á rua Barão de Cotegipe n. 43, do Laboratorio dos seus conhecidos e afamados productos "Curatosse", contra asthma, coqueluche, influenza e molestias do peito, e "Peptol", excellentemente indicado para molestias do estomago, fraqueza e prisão de ventre.

floresta virgem, maior que muitos paizes, brotaram 20 cidades, milhões de pés de café, pastos e gado, estradas e automoveis, fabricas e millionarios. Tudo isto em 20 annos!

A LUTA PELA FORTUNA

Esta historia, nós a ouvimos em uma fazenda do municipio de Lins.

Olhavamos a volta do gado, da varanda da bella residencia do fazendeiro. O administrador sentindo a minha commoção deante daquelle espectaculo admiravel, poz-se a falar: — "Eu vim p'rá cá fazem 12 annos. Isso aqui era matto ainda. A derrubada ia em meio, e só a primeira quadra, lá do cafezal do alto, estava plantada. Fizemos mais derrubadas e plantamos mais café. O doutor, montado na besta (aquella besta que lhe mostrei, que está agora reformada e não trabalha mais), dirigia elle mesmo todo serviço. Quando a fazenda ageitou-se (já tinha colonia, gado e tudo), veio a geada e foi uma maldade. Escapou um pouco de café do cafezal velho e o resto a geada queimou. O doutor não desanimou. Começamos de novo. Não havia dinheiro que chegasse... A custo refizemos o que parecia perdido. Mas ainda tinhamos que soffrer mais. Veio uma nuvem de gafanhotos. Ahi vi o doutor com os olhos molhados, olhando as terras delle, parado, parecendo que não queria mais viver. No outro dia, elle me chamou e disse: — "Isso não é nada, amanhã recomeçaremos..." Depois vencemos!"

....

Não é facil, assim, fazer fortuna no matto. Os homens de ferro da Noroeste que o digam.

QUAL A MAIS BELLA CIDADE DA NOROESTE

Os homens daquellas bandas do Brasil fizeram cidades em 20 annos, cidades em que ha todo progresso possivel.

Onde chegavam as pontas dos trilhos nascia um povoado e esses povoados são hoje as cidades de Cafelandia, Albuquerque Lins, Biriguy, Pennapolis, Araçatuba, etc. Se alguem perguntar a um homem de Lins qual a princeza da Noroeste, elle diz logo é Lins, o de Pennapolis lhe dirá é Pennapolis. Para o de Biriguy é Biriguy.

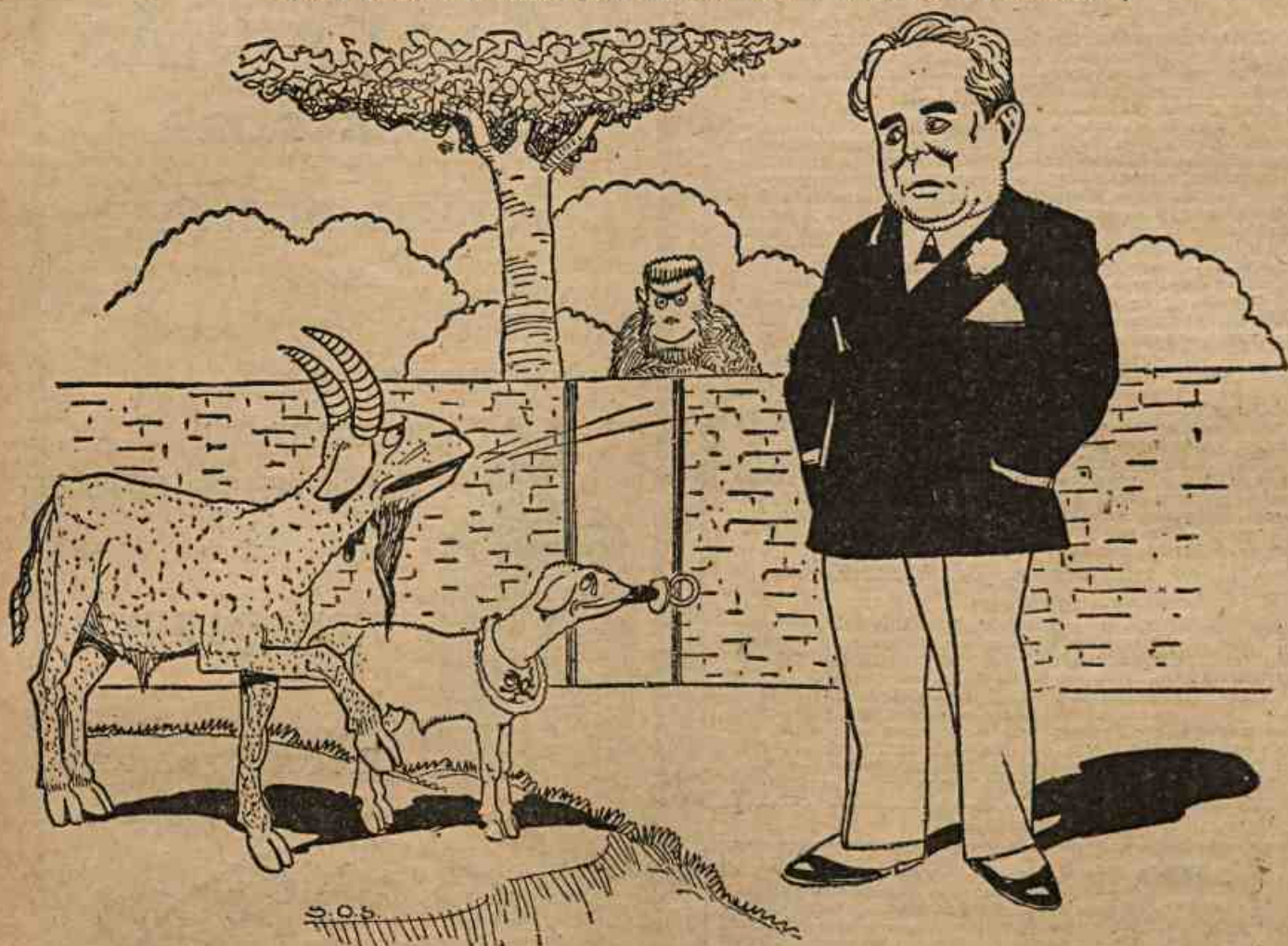
A verdade é que essas cidades têm mesmo collocadas umas atrás das outras, a vitalidade de grandes cidades.

Ha em todas uma febre commercial extraordinaria, pequenas industrias, diversões.

Concorrem para isso os "sitiantes", denominação dada aos pequenos lavradores, que se estabelecem ao redor das cidades.

Elles desenvolvem o progresso de seus municipios, porque nelles fazem suas transacções commerciaes, preferindo-os a centros mais distantes, o que não faz o grande fazendeiro.

Nas cidades da Noroeste estão os modelos das futuras povoações do "interland" brasileiro... E feliz é o brasileiro que viaja por essas terras, onde impera o trabalho, onde se faz uma raça nova, de onde sahirão as élites dominadoras do Brasil de amanhã.

(Na discussão travada entre medicos, o professor Fernando Magalhães declarou que aos 7 mezes uma cabrita póde ser mãe e aos 6 mezes não é innocente...)

O BÓDE (queimado e offendido) — *Senhor professor: para V. S. defender os Macacos não precisa atacar a honra das Cabritinhas!*

OS SETE DIAS DA POLITICA

Annuncia-se que vae, emfim, surgir, no Senado, um projecto governamental, concedendo o augmento dos vencimentos ao funccionalismo. Uma nota de popular matutino, dando a bôa nova aos servidores do paiz, accrescentou um detalhe interessante, que informações seguras confirmam. E' que o senador Frontin, ao ter noticia da resolução do governo, de attender aos reclamos do funccionalismo, apressou-se em pleitear para si o direito de assignar o projecto, de ser, nesse caso, o pseudonymo do presidente da Republica... Para um politiqueiro do Districto, nas proximidades do termino do mandato senatorial, assignar aquelle projecto era um grande negocio... Mas o governo não satisfez a pretensão... eleitoral do Conde. O projecto de augmento — estava já resolvido — seria apresentado pelo sr. Arnolfo Azevedo.

Vae, assim, desapparecer um dos pretextos de que os senadores e deputados cariocas dispunham, e abusavam, na conquista de votos: o augmento do funccionalismo. E é curioso: S.S. Excias. levavam o anno importunando a gente com projectos inviaveis naquelle sentido; quando surge o augmento de verdade, nenhum dos activos politiqueiros do Districto tem o prazer nem as vantagens de figurar como autor do projecto...

☆ ☆ ☆

A Camara ouvia a semana passada uma oração notavel, rica de idéas e suggestões salutares em torno do grande problema brasileiro da instrucção. Fez o sr. Sandoval de Azevedo a defesa de um projecto seu, reformando o nosso apparelho educativo, e sobre o assumpto traçou uma pagina brilhante, forte e corajosa de critica.

O trabalho do sr. Sandoval de Azevedo, apresentado á meditação da Camara e do governo, representa o fructo de longos estudos, reflexões amadurecidas e uma larga experiencia no trato de problemas do ensino. Trouxe para a Camara o deputado mineiro, que a par de uma ampla cultura geral, que lhe enriquece a visão aguda e a capacidade realisadora, um acervo precioso de conhecimentos praticos da questão. Cooperando no governo Mello Vianna, em Minas Geraes, como secretario do Interior, o sr. Sandoval de Azevedo foi um dos elementos mais decisivos do exito daquella gestão. Encarando com decisão e senso pragmatico os problemas pertinentes ao seu departamento — e entre elles o problema fundamental da instrucção — o sr. Sandoval de Azevedo relisou uma obra admiravel, pelo arrojo das iniciativas e senso das realidades ambientes.

A lucidez dessa visão de administrador e a comprehensão exacta das questões a que se prende o surto cultural do paiz, reflectese no excellente projecto de reforma do ensino que S. Ex. formulou, pugnando pela adopção de um plano mais amplo e melhor coordenado de ensino, orientado pelo pensamento da unidade da cultura nacional, de modo a assegurar a formação de uma perfeita consciencia brasileira, integrada no idealismo e nos processos da democracia.

☆ ☆ ☆

Os jornaes agitaram a questão da inelegibilidade do sr. João Neves da Fontoura para deputado. Materia vencida essa; facto perfeitamente consummado. Os jornaes fazem, agora, o que a opposição gaúcha não fez no reconhecimento do sr. Fontoura... Ha varias interpretações da lei eleitoral, no sentido de afastar do "leader" gaucho a situação de inelegibilidade.

Entretanto a letra da lei parece clarissima, incluindo, "tout court" entre os inelegiveis os presidentes e vice-presidentes, de Estado. E o sr. Neves da Fontoura é o vice-presidente do Rio Grande do Sul.

Não é, porém, S. Ex. o primeiro. Muitos têm sido deputados nas mesmas condições ou em condições analogas.

Em compensação, o sr. Nicanor do Nascimento foi depurado certa vez por ser presidente de uma guarda nocturna...

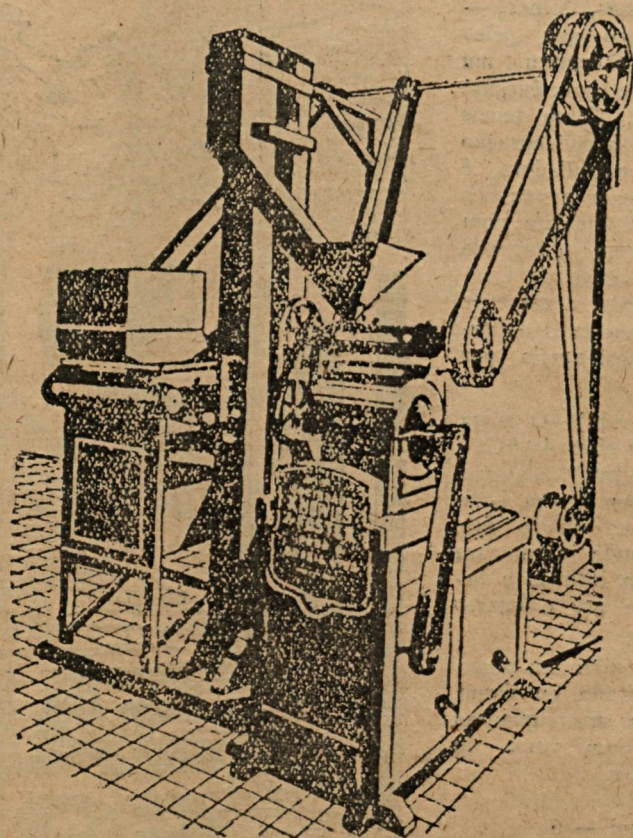
☆ ☆ ☆

Parece confirmar-se a noticia, vinda ha pouco do Ceará, de que o sr. Moreira da Rocha não seria o successor do sr. Mattos Peixoto na deputação. Attribue-se essa resolução do situacionismo cearense ao repudio da opinião publica da Estado ao nome do ex-presidente.

Será possivel? A opinião, no Brasil, já pode ter força bastante para impedir a eleição, de determinado cavalheiro e fazer fracassar um conchavo official?

Não é possivel. Ponha o situacionismo cearense á sua carga abaixo e conte a historia certa. Isto de opinião não será um pretexto para o "tombo" no sr. Moreira da Rocha.

Se não é, complete o governo do Ceará o seu gesto de acatamento á opinião: deixe correr o pleito livre, sem imposição do seu candidato, sem fraude nem coacção; deixe, numa palavra, que o povo do Ceará eleja de verdade o seu candidato, que não é o sr. Moreirinha, nem nenhum outro da mesma classe, mas o sr. Mauricio de Lacerda.

Quererá mesmo o sr. Mattos Peixoto realisar essa primeira experiencia de verdade democratica?

CAIXA DO "O MALHO"

CORLUMBO FERREIRA (Victoria) — Seu *Outomno* com ligeiras correcções em alguns versos será publicado. Diga-me, entretanto, porque escreve *outono* (sem m) e somno (com m)? Eu uniformisei, sem sua licença, a graphia das duas palavras pela segunda. Fiz bem? Breve lhe mandarei noticias minhas.

J. S. PRIMO (São Paulo) — A *Felicidade* está fraca, tendo o poeta Primo primado em procurar rimas pobres, o que foi, certamente, uma infeliz idéa.

Mors, ultima ratio está um tanto forçado, mas o *Painel* está muito bom.

Mande trabalho no genero *Painel* e se deixe de indagações philosophicas e não menos tetricas. A vida não vale um caracol. As companhias de seguros que o digam...

LUMINAS (Cataguazes, Minas) — Recebidos os seus sonetos que, pelos titulos e assumptos chegaram um pouco fóra das respectivas épocas: "Natal" e "Carnaval". Como temos muita falta de espaço e a collaboração poetico-sonetista seja avassalladora, é bem possivel que ao chegar a vez dos seus serem publicados coincidam com as festas a que se referem: a sagrada do Natal e a ultra-profana do Carnaval. Continue, entretanto, a escrever e a mandar trabalhos com mais opportunidade, que terão preferencia por isso mesmo.

ARROXELLAS (Penedo)—O poeta *Arroxellas* veiu roxo em cima da "Caixa" com as suas "quadras", algumas até de tres versos, o que é uma antithese daquelle illustre cavalheiro que, chegando a uma sala onde já estavam tres amigos seus muito intimos e inseparaveis declarou que era o quarto pé da tripeça...

Publico aqui para desopilar um pouco o figado, talvez engorgitado, de algum leitor bilioso, uma das suas quadras de tres versos e com um verso de "quatro pés", (salvo seja):

"Morena a tua imagem — 6
Muito elegante — 4
Não *sae-me* do pensamento". — 7

Garanto que essa morena quando ler suas *quadras* em tercetos e souber que *aquillo* é com a sua imagem (lá della) não sómente lhe sahirá do pensamento como da vista, fugindo a *sete pés* de um poeta de versos de *pés quebrados* como o Arroxellas.

BARBOSA GOTRI — Embora não acreditemos muito nas historias contadas pelos caçadores, publicaremos a sua "Caçada funebre", apezar do titulo macabro que lhe arranjou. Mande cousas nesse genero, porém alegres e... mais curtas.

LINS CAVALCANTI — Recebidos os trabalhos: "Vendo-a partir", "O amor é assim" e "Ancia do intangivel" que serão publicados a seu tempo.

JAYME CARDOSO — Corrigindo alguns senões orthographicos será publicado seu trabalho: Negocio seguro. Por que não estuda mais um pouco o nosso idioma?

JOÃO NEY — Seu soneto "Velho atheu" será publicado. Quando mandar outros trabalhos que sejam dactylographados, pois sua letra é tambem "mal com Deus"...

ALICE ECILA — A secção de graphologia passou d'*O Malho* a ser publicada no *Para todos*.... Procure, pois, ali, as respostas que pede.

Quanto aos livros sobre esta sciencia, cremos que não ha nada escripto ainda em portuguez.

O *Almanach d'O Malho* para o anno vindouro publicará, porém, um artigo illustrado com gravuras sobre esse interessante assumpto.

DR. JURUÇÚ MEYER (Tijuca)— Satisfazendo seu pedido de não escrever nenhuma *Cathilinaria de Justiça* a respeito do *soneto* que mandou, aqui mesmo vae elle publicado com a recommendação que faz aos leitores para que não o leiam, pois o mesmo é "portador

do *virus* da perigosa molestia do somno", o que quer dizr que é uma nova especie da mosca *tié-tsé* dos desertos africanos.

Eis o soneto:

"OUTRA "DESILLUSÃO"

Jurei que te amava com ardor
Ainda me lembro de teu pejo
Quando, num perceptivel tremor,
Me respondeste c'um lento beijo.

Fiquei embaraçado por meu turno
Unidos de nosso amor os laços,
E vendo-te sorrir, taciturno,
No pescoço, enlacei-te os braços.

Não mais te lembras daquelles dias
Em que *me juravas* amor forte
E eu te escutava com as mãos frias...

Mas oh! Quanta é dura a minha sorte!
Só hoje nego tuas hypocrisias
E agora só desejo a morte!..."

Deante daquelle "me juravas" do segundo terceto e da *chave* final do soneto, o poeta desejou a morte muito tarde; deveria tel-o feito antes de começar a escrever seus versos. Em todo caso ainda está em tempo para evitar a perpetração de outros do mesmo jaez...

CABUHY PITANGA JUNIOR

Vae responder á processo um medico fluminense que acaba de praticar o enxerto num octogenario, sem o consentimento da familia.

Fez bem, portanto, o primeiro operado de Voronoff em aproveitar o resto de "delibito" que lhe dava a lei...

✣ ✣ ✣

O Sr. Ministro da Agricultura demittiu, por abandono de emprego, a observadora interina da Estação Aerologica da Directoria de Meteorologia.

Uma mulher observando o ar! Ahi está porque os lavradores do interior não acreditam nas previsões do Ministerio...

✣ ✣ ✣

Entre as visitas que a Russia Vermelha está recebendo a esta hora, figura a de um deputado conservador brasileiro. Ahi está para que a Nação augmentou e duplicou o subsidio dos seus representantes...

✣ ✣ ✣

Segundo as estatisticas nacionaes, temos augmentado consideravelmente a importação de cortiças.

Quererá isto dizer que cresce entre nós o consumo do alcool, ou se tratará apenas do de rolhas?...

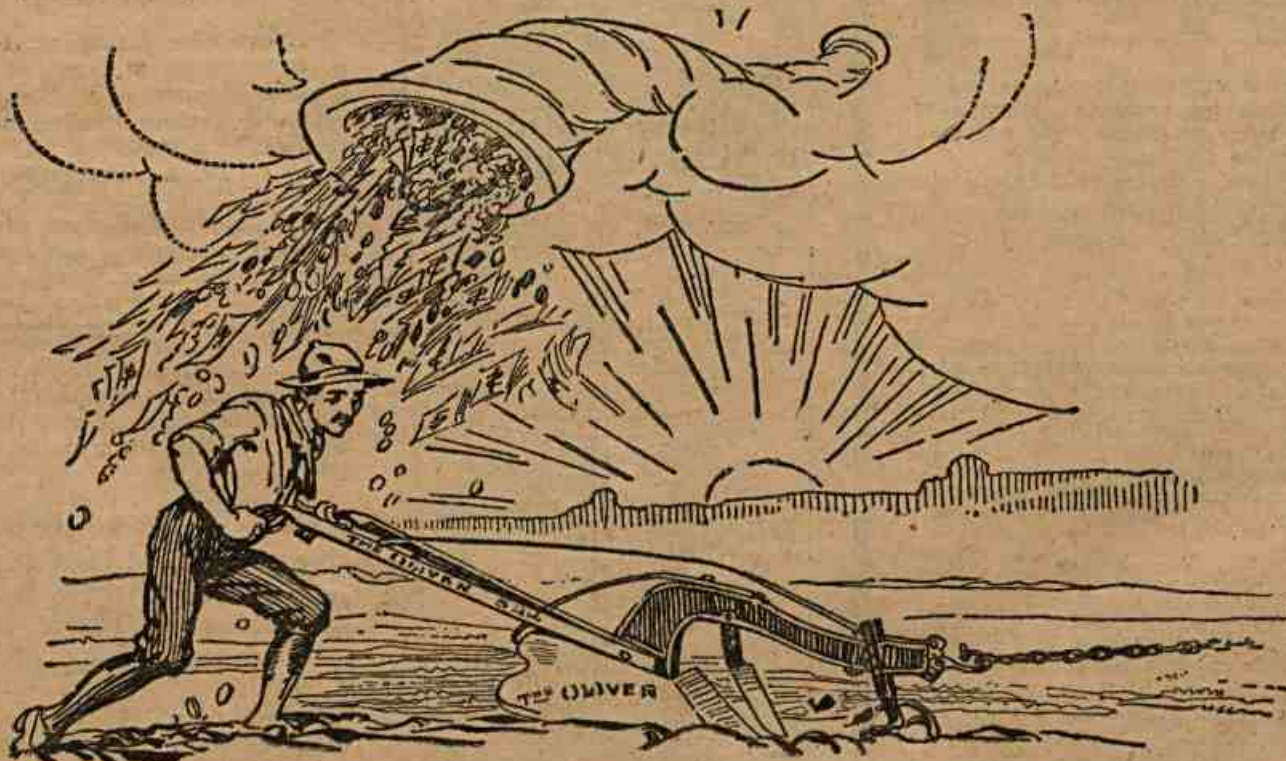
Restitue as Forças da Juventude Sem Drogas

Un francez erudito tem descoberto um modo de produzir no organismo humano um importante desenvolvimento de energia, e tudo isto sem usar drogas internas, apparelhos especiaes nem exercicios gymnasticos. As indicações necessarias enviam-se gratis a qualquer pessoa que escrever pedindo-as. Milhares já teem seguido estas prescripções com excellentes resultados. Cada homen se pode aproveitar d'esta invenção. Ella se pode applicar na casa, sem interrumper os trabalhos regulares nem os recreios de cada dia. Este methodo faz o que não teem feito as drogas para o uso interno, nem os outros procedimentos. E extraordinariamente simples, e não exige absolutamente nenhum trabalho nem esforço. Se parecer ao amigo que já não gose da mesma robustez que possuia antes, não ha coisa mais interessante do que conhecer este generador forças. A edad não importa; o effeito é bom con os mais ou menos velhos assim como com os jovens. Arranjos especiaes teem-se feito para enviar pello correio, franco de porte e de quaesquera outros gastos, informações detalhadas, illustradas, selladas, a cada homen que indique o seu nome e endereço á International Palmette Company, Depto D, 3104 Michigan Ave., Chicago, Illinois, E. U. A. Escrevei-nos hoje sem demora, pedindo esse methodo.

Leiam o artistico Para Todos...

G O N O R R H É A

em homem, mulher e creança. Estados chronicos e agudos. Effeitos surprehendentes. Use a nova fórmula franceza, o

H Y S T A N

"O caminho da felicidade e da fortuna do lavrador está no emprego do prodigioso arado reversivel **OLIVER N. 524**, o famoso duplicador das colheitas. Maiores colheitas e maiores lucros com menos trabalho.

Importadores: **HASENCLEVER & CIA. — Av. Rio Branco, 69|77** — Rio de Janeiro

THEATROS

DEFESA DO MOULIN ROUGE

A cidade do Rio de Janeiro commette neste momento uma clamorosa injustiça. A grande Companhia de Revistas do Moulin Rouge de Paris vale por um rasgo de audacia do capitalista Victor Fernandes e do director Jacques Charles e só assim deve ser encarada. Todo o seu merito consiste em não prestar para nada. Se o Palacio Theatro fosse inaugurado por uma companhia de primeira ordem a preços razoaveis nada haveria que dizer. Mas inaugural-o, extorquindo ao publico bom dinheiro com uma borracheira é ter realisado um acto heroico, epico mesmo. Assim a Companhia do Moulin Rouge não deve ser atacada, mas exaltada pela coragem com que se porta apresentando espectaculos sempre peores que os anteriores, sendo que os anteriores eram os peores do mundo.

O director Jacques Charles não embrulhou o emprezario José Loureiro, contratante da salgalhada, como pareceu aos ignorantes das cousas de theatro. Quando os dois trocaram telegrammas e aquelle affirmou que a companhia viria completa, tal e qual representa em Paris, este não foi tão ingenuo que acreditasse na patota. Fingiu acreditar para não ser, mais tarde, atacado pela imprensa independente, isto é, por "O Malho", mas useiro e vezeiro em impingir gato por lebre, como emprezario-proprietario, que é de meia duzia de companhias portuguezas eguaesinhas a esta, dita, do Moulin Rouge, viu logo que Mr. Jacques traria trapos velhos, scenarios gastos e artistas velhos e gastos, mas achou graça na cousa: ha quatro mezes que o publico carioca aguentava, sem patear, a Companhia Armando de Vasconcellos, bem podia aguentar um mez o indecoroso e heteroclito agglomerado parisiense.

E assim veiu parar no Rio a companhia horrivel que abusa do direito de ser má e esgota a paciencia dos desventurados que têm ido assistir aos seus espectaculos.

O capitalista Victor Fernandes, dono do theatro e que marchou com o dinheiro das passagens, começou bem e deve ir longe. Annuncia já a Velasco que vae ser um assombro, etc., etc.; e acabará nos dando a revista á portugueza, vinda de Portugal sem escalas pela Sapucaia para lá não ficar. E pode assim proceder por muitas razões e mais uma: o Palacio Theatro é uma construcção de cimento armado absolutamente incombustivel. Tambem não pegam fogo com facilidade nem Mr. Jacques Charles nem os seus manipanços que vamos recambiar para Paris tal e qual de lá nos vieram muito convencidos de que são do Moulin Rouge, quando na verdade não passam de uma defesa, aliás indecente, do Moulin Rouge.

Nós temos gosado um pedaço. Vamos ali para nos divertir não com a companhia o que seria acto de loucuura mas com o publico que fica de olho arregalado olhando aquillo tudo e fazendo uma triste idéa do bom gosto francez e do apregoado *raffinement* parisiense. Não se convence da excellencia do espectaculo, acredita que Moulin Rouge é Trololó traduzido em francez que Jacques Charles é a encarnação gauleza do Jardel Jercolis. Com isso não offende ninguem e ninguem protestará.

Nada impede tambem que saia do theatro dando vivas ao mambembe nacional.

E', pelo menos, muito mais barato.

E fala lingua que se entenda.

Fala.

Entenda-se.

A VERDADE QUE PRECISA SER DITA...

A fome produz allucinações... A gente de theatro, esfomeada como anda, toma attitudes loucas e tem gestos desvairados. Seu ultimo acto de desespero é o espectaculo electrico, — tres ou quatro actos em uma hora, ou numa hora e um quarto — por tres mil réis, preço do espectaculo commum cinematographico, na Avenida. Com isso pretende arrostar, debellar a crise. O publico, não sendo forçado a aturar, por duas ou tres horas, artistas que deviam ser enforcados para descanso de todos nós, e peças que são um amontoado de baboseiras e burrices, como não tem, á noite, para onde ir e a cousa é barata compareccerá, impedindo, dessa forma, a derrocada...

Assim raciocina a gente de theatro, maluca de uma vez. Ella não vê que, na éra da vida cara, ninguem quer o que custa barato, só se compra o artigo bom que custa os cabellos da cabeça. O que não presta, nem dado, e a seguir o caminho em que vão, nossas emprezas acabarão por annunciar espectaculos de graça a que ninguem quererá assistir! E' que a crise não é de dinheiro, nem de tempo, é de artistas e peças que interessem.

A culpa de tal situação cabe, inteirinha, ás emprezas theatraes que agora, muito justamente, soffrem as consequencias da orientação estupidissima que seguiram.

O publico que frequenta diversões divide-se em duas classes, — o que gosta do circo por causa do palhaço, publico analphabeto e naturalmente o mais numeroso; e o que aprecia o theatro, mais ou menos letrado e lido, menor mas, na verdade, leader. O circo, pouco a pouco, morreu, não se sabe bem porque, e a ganancia dos emprezas descobriu que transformar palcos em picadeiros era um grande negocio. No Rocio ou na Avenida, esse foi o criterio dominante e como não possuimos quasi humoristas e é muito mais difficil ser engraçado do que sentimental, os espectaculos theatraes descambaram ou para a baixa pornographica ou para a sandice e para as cabriolas. O publico-leader fugiu, desappareceu. Ficou o outro que, no emtanto, só comparece tendo a certêza de que o palhaço é, mesmo, bom... Sendo os palhaços tão escassos como os humoristas, ou mais ainda, rebentou a crise. O publico de circo, o grande publico visado pelas emprezas, retraiu-se tambem, e estas, ingenuamente, ém vez de procurarem melhorar seus espectaculos, levando á scena peças bonitas e bem feitas, interpretadas com arte e gosto, offerecem a mercadoria com defeito — os córtes que soffre a preço de liquidação... Nem o grande, nem o pequeno publico se apresenta. Anda farto de tanta besteira!

Fala-se no successo de Oduvaldo Vianna em São Paulo, nesses espectaculos rapidos.

E' que Oduvaldo vive da fama, que se fez, de emprezario artistico e intellectualmente honesto, e estará offerecendo ao publico-leader de São Paulo espectaculos dignos de sua cultura. O outro, o de circo, acompanha a onda.

Comece, elle, a mostrar comedias como "Guerra ás mulheres", "Sizimio", o vendedor de livros..." e "O ar do cinema" e verá o resultado.

Esta é a verdade que precisava ser dita...

MARI NONI

Redactor-Chefe
OSWALDO SOUZA E SILVA
Director-Gerente
A. A. DE SOUZA E SILVA

O MALHO

ANNO XXVII
NUM. 1.352
Rio de Janeiro, 11 de Agosto de 1928.

E' Coisa de Carnaval?

A politica nacional, desde muito tempo, que é apenas isto: Minas e S. Paulo. Os dois juntos fazem o leão da fabula de La Fontaine: associam-se com todas as cabras, ovelhas e outras *miunças* federadas — Maranhão, Ceará, Parahyba, etc. — e quando cae uma caça no laço, o leão faz a partilha: um quarto para mim por ser o chefe, outro quarto para eu mesmo por ser o mais forte, outro ainda para o *dêgas* porque preciso. E se alguem quer o ultimo, tem que haver-se commigo.

O leão da politica brasileira tem duas cabeças. Durante quatro annos, a cabeça que come mais é Minas — a cabeça que come menos é S. Paulo. No quadriennio seguinte, elles trocam os logares e a vida continúa: um quarto para mim, por ser o chefe, outro quarto para eu mesmo, etc.

Os outros Estados, contentam-se com a fressura, os miolos, a rabada, os intestinos, a *passarinha,* o sangue da caça. Muitos ficam de longe, espiando a partilha, sem coragem nem de miar para lembrar que elle tambem entrou na sociedade: o Piauhy, por exemplo... Sergipe... Parahyba...

Pode ser que a coisa não seja lá muito limpa. Mas como um costume velhissimo ninguem se lembra de reclamar.

Qual é a ovelha que tem coragem de reclamar contra a justiça distribuida pelo leão?

* * *

Mas de quando em quando, correm noticias alarmantes sobre uma pretendida alliança entre a bicharada fraca. E' o boato do Bloco do Norte. Boato periodico, como as Seccas do Norte. Boato tão velho como o desejo de libertação da ovelha, da cabra, de todos os animaes pequenos escravizados pela força do leão. De tanto repetir-se, a noticia tem perdido, pouco a pouco, o prestigio. Já ninguem se illude sobre os resultados de tudo isto: fumaça, commentarios nos jornaes, assumpto para a chronica politica. Os politicos do Norte já o fazem de proposito. Aquella agitação denuncia sempre algum favor que um delles ou um grupo qualquer deseja das forças dominantes do paiz. Não póde haver engano, porque, dentro dos exemplos fornecidos pela historia da politicalha destes ultimos tempos, não se póde conceber que os caricatos representantes do Norte, sem nenhum laço de cohesão entre si, vaidosos como ninguem, ambiciosos e indolentes, depois de varios annos de sujeição — da sujeição mais obediente, passiva e resignada que se póde imaginar — á batuta do P. R. M. ou do P. R. P. — não se póde conceber que estes doutores em politicagem, amansados pela canga, sejam capazes de uma reacção.

* * *

A idéa, de que nos dá noticia um telegramma de Recife, foi levantada aqui, segundo nos informam, por alguns politicos nortistas, como reacção contra a campanha do Partido Democrata. Mas isso seria, apenas a mascara. Porque o que o Bloco, na verdade, visaria é a futura successão presidencial.

O caso merece commentarios. A iniciativa, nobre em si, perde toda a belleza quando encarada de perto, ligada aos seus realizadores e aos factos que illustram a chronica dos politicos nortistas. Imaginem um Bloco que tivesse á sua frente o Sr. Cunha Machado... O coringa não quereria figurar, nas poses photographicas, entre o Sr. Estacio Coimbra e o Sr. Fernandes Lima, por exemplo. Pediria o auxilio de outros exemplares, igualmente exoticos, da politica do Norte. E viriam rodear o Papão os Srs. Antonino Freire e Graccho Cardoso.

Com este directorio, talvez que o Bloco vencesse. Ninguem resistiria a este triduo terrifico que daria idéa de um povo differente e monstruoso que estaria lá fóra, á espera do signal para precipitar-se e invadir o scenario das pugnas eleitoraes. O leão teria, na certa, umas dôres de colicas ante um quadro assim...

Não. E' impossivel levar a serio uma gente assim... Bloco do Norte: Estacio Coimbra, pelo braço do Sr. Manoel Dantas; Miguel Calmon, levando, dependurado ao pescoço, como um *curumim* dengoso, o Sr. Antonino Freire; o Sr. Mattos Peixoto, embrulhando-se — nova Lady Godiva — nas banhas do Sr. Simões Filho. E o resto do pessoal atraz, marcando o passo pelo rythmo de algum *baião* sertanejo. João Thomé, Pedro Lago, Silverio Nery, Godofredo Vianna, Moreira da Rocha e, certamente, o incomparavel "Lampeão" que, neste meio, teria o prestigio e a veneração de um symbolo alto e eloquente...

Bloco do Norte... Bloco Carnavalesco, senhores? Se é carnavalesco, então podem incluir na lista dois nomes novos, duas adhesões de figuras prestigiosas: Lopes Gonçalves e Aristides Rocha...

A dupla, formando ao lado do Sr. Vital Soares, seria insuperavel. Momo exultaria com a homenagem.

COUSAS DO ORIENTE

FESTEJOS REAES NA INDIA

Brilhantissimas, as festas realisadas em Kapurthala, para commemorar o cincoentenario da subida ao throno do marajah que actualmente ainda governa aquelle longinquo paiz, e foi nosso hospede não ha muito tempo. Foi um maravilhoso espectaculo, este que presenciaram os habitantes daquelle paiz de sol e de lendas. Banquetes e cerimonias religiosas; procissões de elephantes sagrados, levando sobre ricos mantos, palanquins occupados pelos chefes mais importantes, vestidos com riquissimas roupagens e cobertos de joias lindissimas.

O vistoso cortejo, desfilando pelas ruas de Karputhala

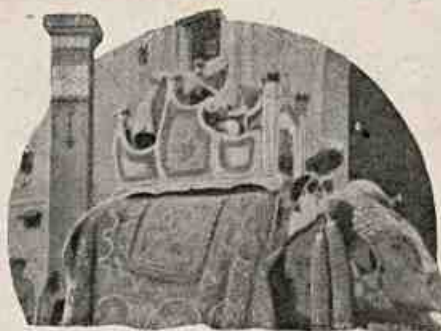
De Cachemira, de Petalia, de Bikaner, da montanha e da planicie, toda a gente veiu testemunhar ali a um dos mais illustres principes indús seu affecto e consideração. Os principes e grandes dignatarios desfilaram em traje nacional, turbantes constellados de rubis, esmeraldas, e perolas, dalmaticas e tunicas de velludo, recamadas de bordados artisticos riquissimos e em todos os tons.

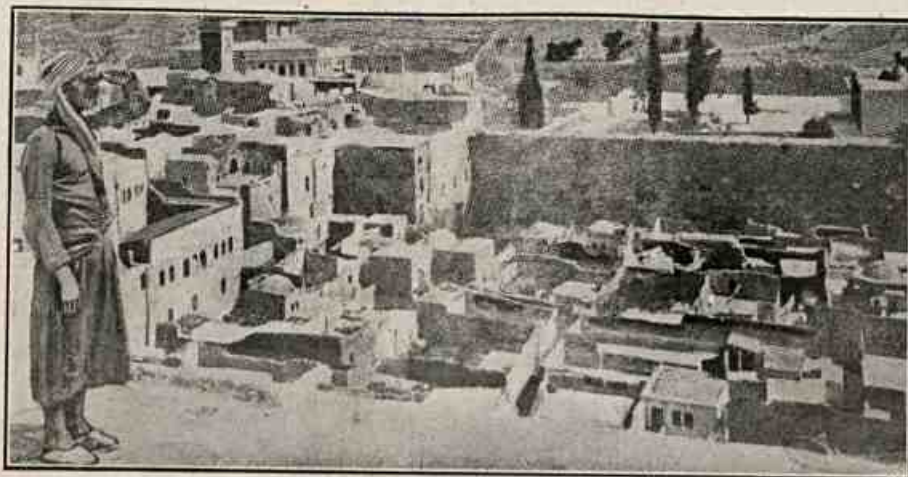
JERUSALÉM, A CIDADE SANTA

JERUSALÉM, A CIDADE SANTA — Não existe, no mundo, cidade alguma, da qual se tenha escripto tanto, como a de Jerusalém. A Cidade Santa é digna, aliás, como nenhuma outra, dessa admiração, pelas suas recordações. Quatorze vezes foi destruida e outras tantas levantada de entre as ruinas! Ainda hoje, podem-se ver parte das suas muralhas que, flanqueadas por 34 torres, datam do tempo de Solimão, bem como cinco das sete portas que, em outro tempo, davam accesso á cidade onde foi consummado o deicidio.

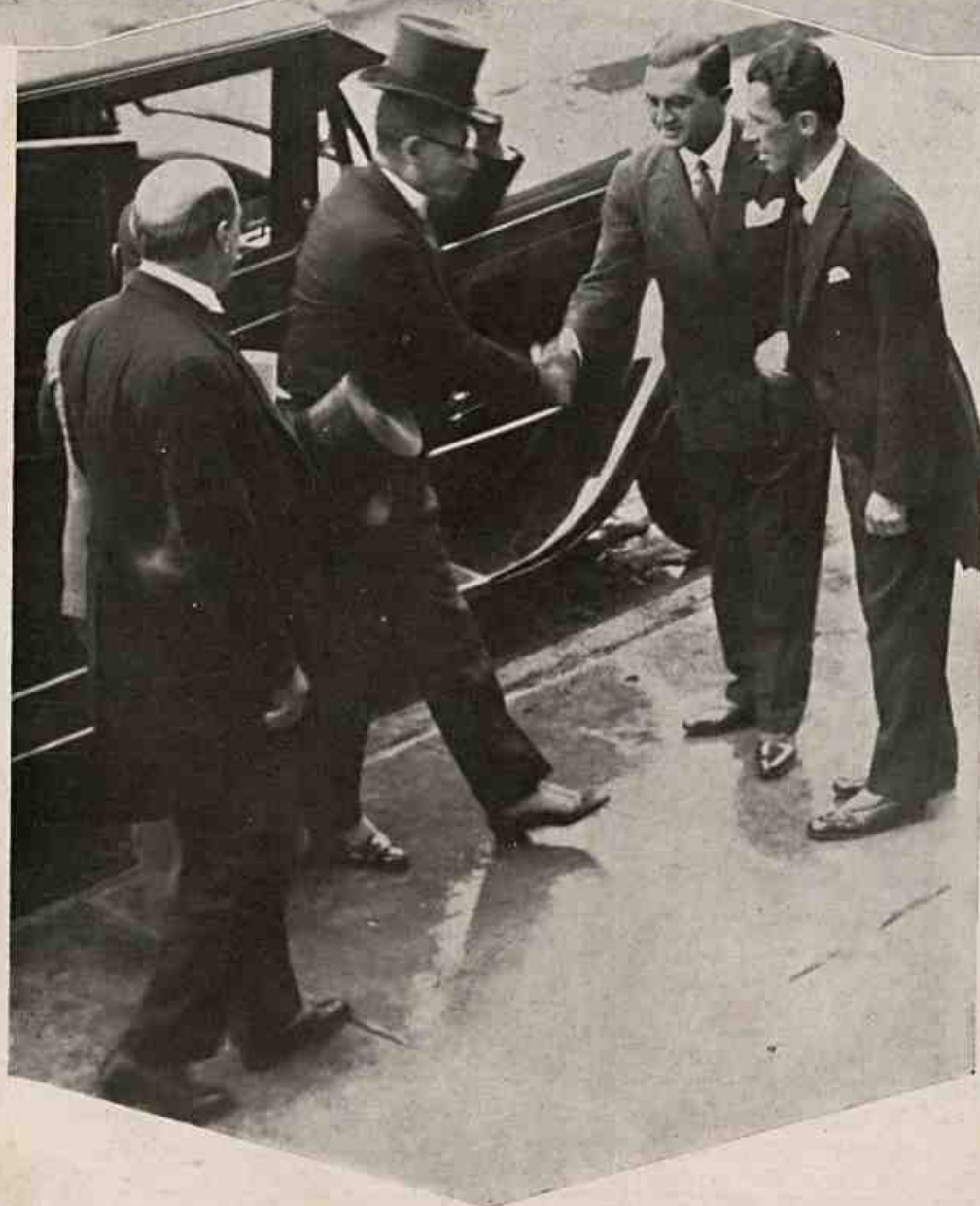
A importancia que mantém no mundo é devida aos seus varios seculos de peregrinação; aos factos historicos de que foi scenario; á lenda e á tradição.

Existe em Jerusalém e seus arredores uma tal variedade de raças uma tal agglomeração de typos, que formam um matizado de aspectos, expressões e costumes, difficeis de encontrar noutro logar do mundo.

Além dos typos exoticos que, em peregrinação contante, chegam de todas as partes do mundo, os moradores do logar só por si fornecem quadros pittorescos de intenso colorido.

O Marajah de Kapurthala no palanquim, ás costas do elephante, esplendidamente guarnecido com mantos e joias riquissimas, que o transportou durante as cerimonias.

Arabes de pura raça, beduinos de distincção, assyrios, coptos, judeus, abundam na "cidade das linguas" ou "Babel dos tempos modernos". Com effeito, no ultimo recenseamento apparecem 29 grupos linguisticos, dos quaes, os que contam com mais individuos inscriptos, são o hebreu, o arabe e o armenio. Os arabes e judeus que vivem em Jerusalem conservam em toda sua pureza os caracteristicos das suas raças. Contemplando-os, verifica-se que o typo primitivo não perdeu nada dos seus traços ancestraes. Os aldeãos de Jerusalém, dedicam-se, de preferencia: á agricultura e á criação; suas mulheres, vestidas com o chamado traje de Belém, levam para os mercados da Cidade Santa as hortaliças em cestos. Os judeus entregam-se ao commercio e a ourivesaria. Suas officinas erguem-se em ruas apertadas e sombrias, mas de lá sahem formosas obras de arte que fazem o encanto dos turistas.

Uma vista da Cidade Santa, apanhada do Monte das Oliveiras

"SEU" ANASTACIO CHEGOU DE VIAGEM

JECA — Antão, coronê. Que tá o tá de Paris?
BUENO — Muito adeantado! Ninguem toca mais requinta. Agora é só no saxophone.

A ABERTURA DA ASSEMBLÉA DO ESTADO DO RIO

Em cima: a Força Publica do Estado do Rio presta continencias ao Sr. presidente do Estado do Rio, em frente á Assembléa Legislativa.

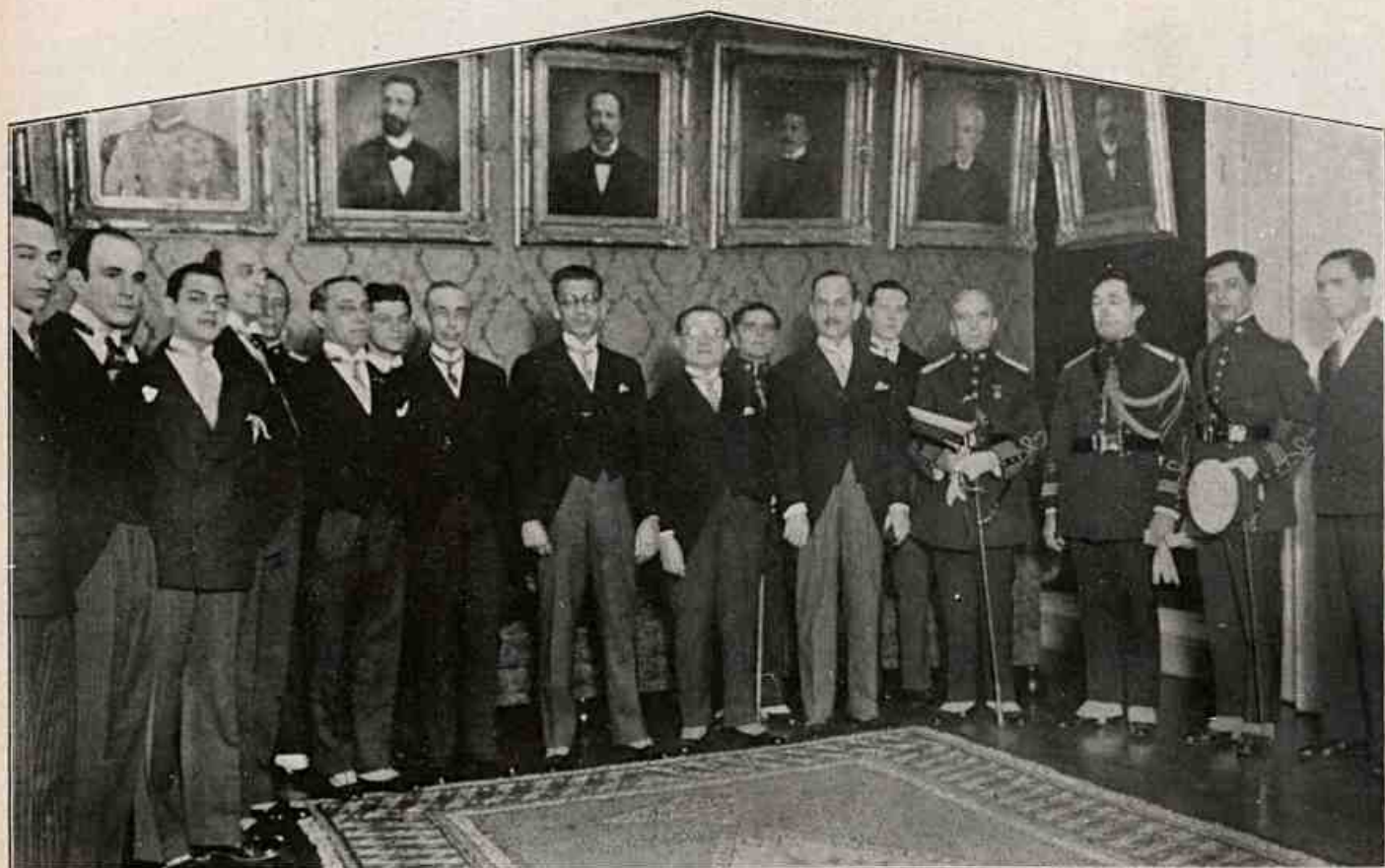
Em baixo: O presidente do Estado chegando ao palacio da Assembléa para proceder á leitura da Mensagem.

A LEITURA DA PRIMEIRA MENSAGEM DO SR. MANOEL DUARTE

S. Ex., o Sr. Presidente Manoel Duarte lendo o expressivo e eloquente documento, que tão bem impressionou a opinião publica.

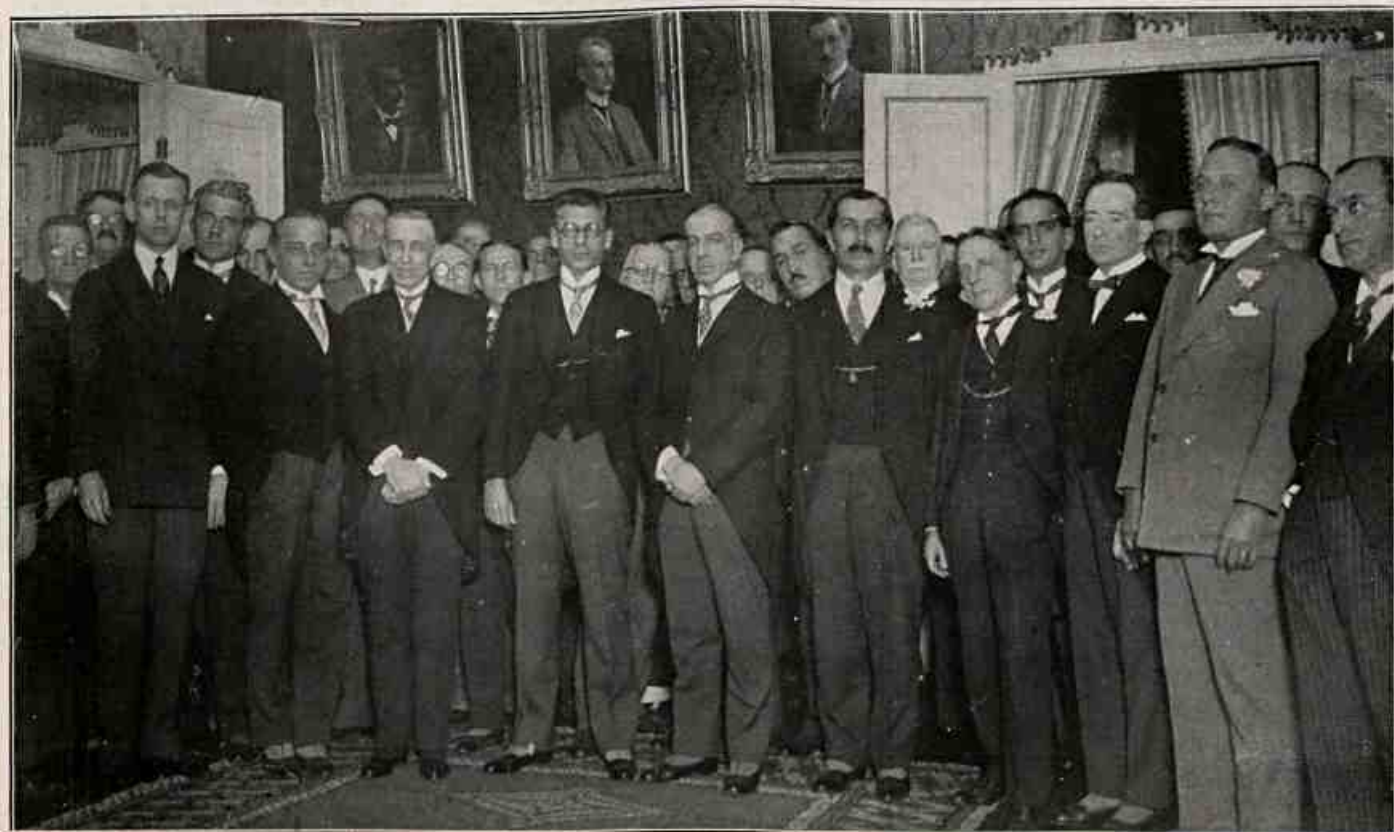
◈

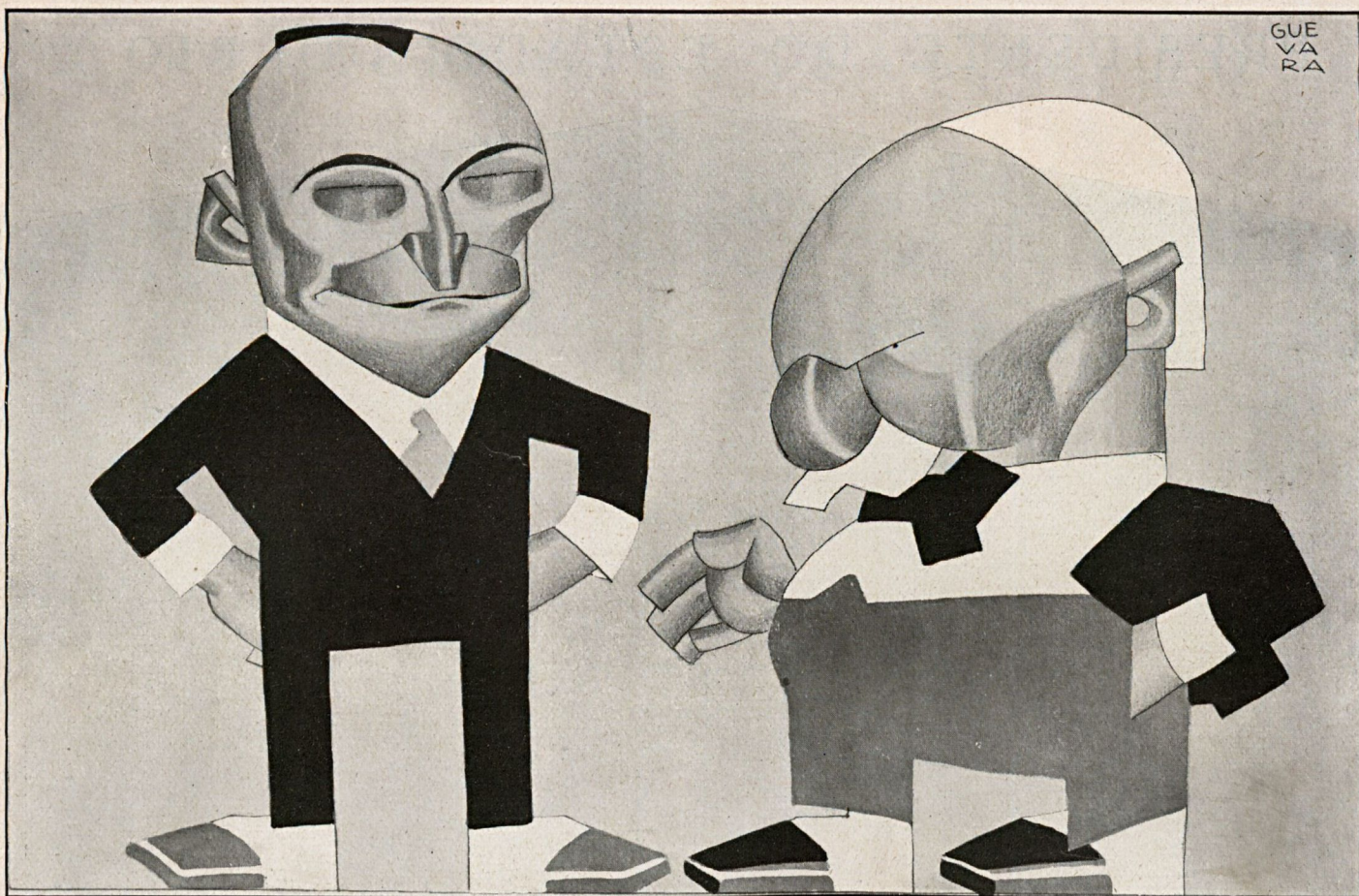
Na escadaria do palacio da Assembléa Legislativa quando o presidente do Estado se retirava, depois da leitura do importante documento.

A PRIMEIRA MENSAGEM DO

O Sr. Presidente Manoel Duarte rodeado de seus secretarios e altas autoridades do Estado do Rio de Janeiro.

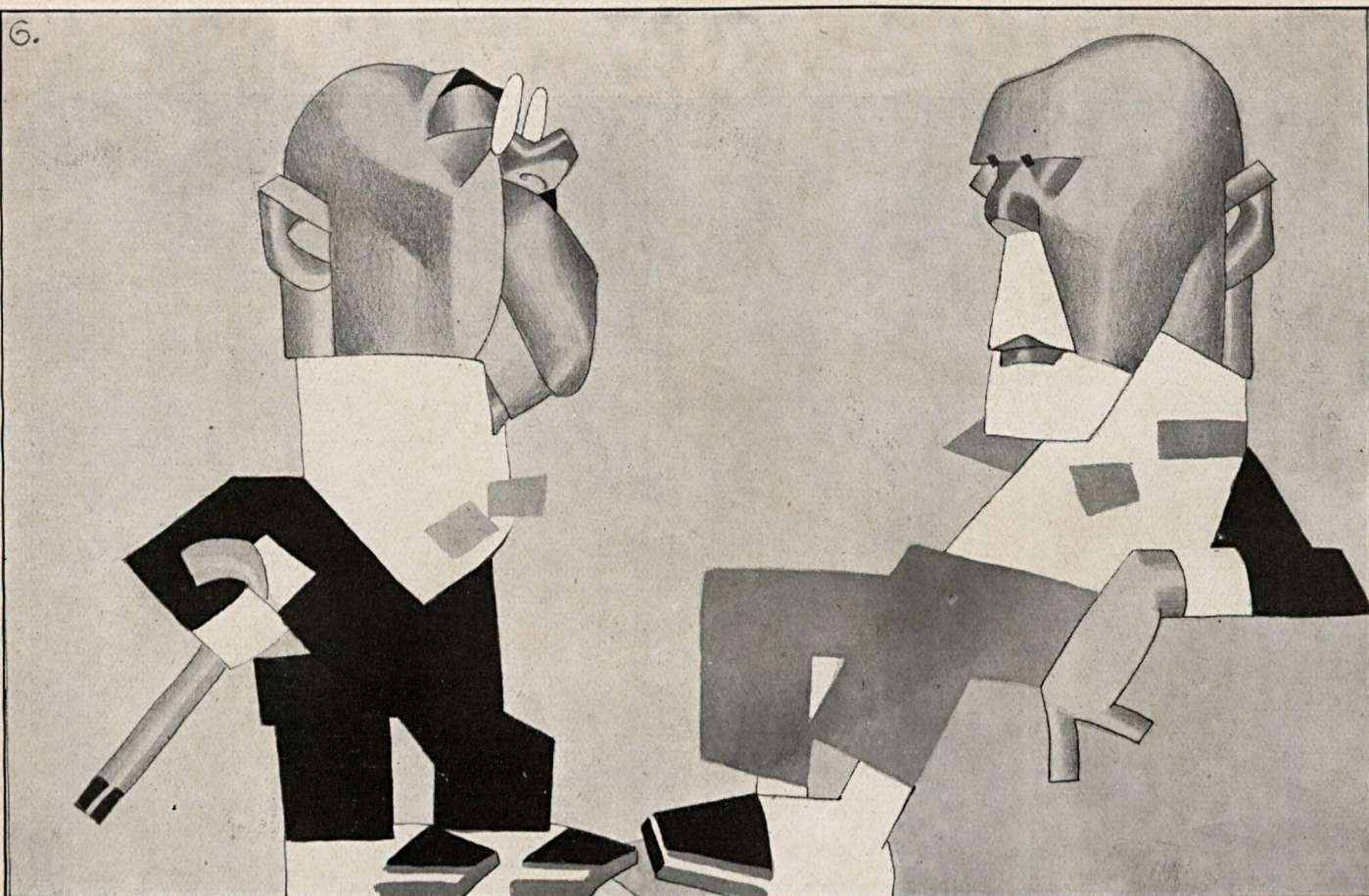
O Presidente Manoel Duarte respondendo á saudação do presidente da Assembléa do Estado

PRESIDENTE DO ESTADO DO RIO

Um aspecto da Assembléa Fluminense tomado no momento em que o Sr. Presidente do Estado procedia a leitura da mensagem.

No palacio do Governo, vendo-se o Sr. Presidente Manoel Duarte rodeado de altas autoridades

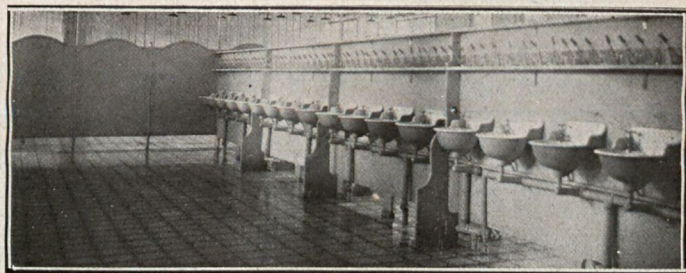
GUEVARA

O MANHOSO

ASSIS BRASIL: — Venha comnosco Lamartine. A nossa caravana é um primor.
JUVENAL LAMARTINE: — Eu só adhiro se houver ao menos u'a mulher no meio.

G.

NÃO GOSTA PORQUE NÃO SABE...

ARNOLPHO AZEVEDO: — Você evitaria a sua quéda se tivesse escripto uma carta habil ao Julio Prestes.

LACERDA FRANCO: — Ora, não me deboche. Você bem sabe que não "gosto" de escrever.

Espiando o photographo que interrompeu o almoço...

Um trecho do sumptuoso banheiro

copos de vidro, com as respectivas escovas, rebrilhando, e os metaes dos chuveiros reluzindo, a isso nos levam quasi insensivelmente. Acompanhando-nos, muito delicadamente, o Sr. Affonso Junior, nos deixava á vontade, mostrando-nos todas as dependencias sem a adjectivação tão commum aos cicerones. E foi por isso que, deixando a larga escadaria, depois de nos demorarmos na aula de dactylographia, que lhe dissemos:

— Um palacio encantado, cheio de maravilhas!...

Asyladas fabricando meias.

* * *

Quanta gente, no nosso Rio de Janeiro, ignora a existencia dessa instituição caridosa, de fins tão altruisticos? Mantida pela "Sociedade Amante da Instrucção", da qual é presidente o Dr. Zeferino de Faria, a generosa instituição zela pela educação das orphãs, a ella entregues, com verdadeiros carinhos paternaes.

A asylada aprende a cozinhar, a lavar roupa, a escrever á machina e a bordar. Artes, aprendem, tambem porque, se umas têm inclinação para determinado mistér,, outras se dedicam a outros, como piano, fabrico de meias e pintura. Educadas com esmero, mesmo as menores, são incapazes de jogar um pedaço de papel ao chão. As paredes, alvissimas, não apresentam um arranhão ou risco de lapis. Isso, aliás, constitue o maior orgulho dos dirigentes da casa. A obediencia, ali, é uma religião. No recreio, em meio á natural algazarra, basta um toque da sineta para fazer-se silencio profundo. Por tantos motivos, as asyladas adoram aquella casa, estimam as freiras que a governam e têm especial reconhecimento pelos homens de coração generoso que a mantêm.

Venciamos, já de volta, o mesmo corredor espaçoso quando, os olhos cheios de lagrimas, soluçando, appareceu uma linda garotinha.

— Que tens, menina? indagou o Dr. Affonso Junior.

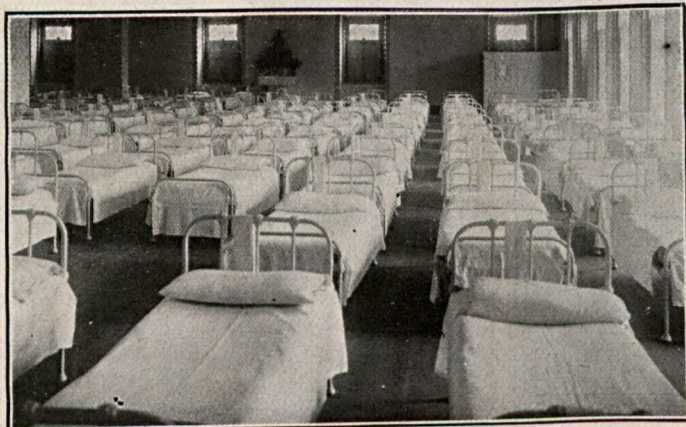
Ella não respondeu. Elle insistiu.

— Vim do dentista...

O Dr. Affonso Junior foi ao gabinete do dentista, que ali funcciona normalmente e voltou sorrindo e affagando-a disse:

— Eu sabia, bonitinha, que o mêdo faz correr. Agora fico sabendo que faz chorar tambem...

(Termina no fim do numero)

O nosso companheiro entre a meninada da aula infantil.

Um detalhe do vasto dormitorio

Sorrindo e preparando as comidas

V I D A   T U R C A

Typos de berberes com sua face de lua cheia. São os maiores traficantes de escravos no imperio ottomano.

Turco, vendedor de aves

Judeus de Jerusalém, orando e chorando, segundo o costume millenario, ao longo dos muros dos templos.

Typo de uma filha da Georgia. Fôra nessa região visinha da Armenia que o sultão escolhera as mulheres para o seu harem.

Um casamento á moda dos serbios feito na Turquia.

Constantinopla não é uma cidade industrial, na restricta accepção da palavra. A nova capital do imperio ottomano é um centro de grande florescencia mercantil. Galato possue o seu Lyceu Imperial. Ter-Hame, o seu grande Arsenal de Marinha. Pericalde, o seu Collegio Militar. Gul-Hame, a sua Escola Civil. Tanar, a sua Academia Nacional Grega. Top-Hame, a sua vasta Fundição de Canhões. Serai, a sua Escola de Cirurgia para os soldados. Por toda parte o francez é a lingua preferida para o ensino.

A imprensa é composta por um grande numero de jornaes escriptos em quasi todos os idiomas.

Nas ruas tortuosas, estreitas, mal calçadas em certos quarteirões, são encontrados, a cada passo, fundos buracos com agua putrida.

As casas construidas com adobes e madeira, pintadas com tintas vermelhas; as mesquitas com os seus zimborios coloridos de azul saphyra têm um aspecto que enleva a alma dos artistas. A' sua ordem e ao seu systema são devidos os violentos e repetidos incendios que têm illuminado fantasticamente a metropole.

O serralho — o tragico palacio dos sultões — tem a fachada majestosa voltada para as aguas do Bosphoro.

Sobre a azulada toalha do golpho resvalam os rebitados barcos das fórmas as mais bizarras.

O solar é todo cercado de muralhas e kiosques. A fachada tem uma esguia torre e varias cupolas menores. Os seus tectos são de madeira com bellos arabescos dourados. As arvores de seu parque, cruzado por muitos bosques de virentes cyprestes, abrem as suas ramas como se houvessem tido por berço as virgens florestas.

Nestes edemicos jardins é que foram installados os hospitaes para os soldados francezes, durante a guerra da Criméa.

A porta de bronze de sua bibliotheca é de um tão grande valor que faria inveja ao mais famoso dos nababos.

Na sala do throno o sultão costumava em outros tempos receber os membros da embaixada.

A "Porta" — a residencia do grão-visir, tem á entrada uma série de pilastras de marmore coroada por soberbos capiteis com os emblemas dos corpos militares.

Na parte inferior deste edificio está a séde o ministerio da agricultura no antigo solar dos pachás.

O ministerio da guerra funcciona no "s'eraskierat", onde, em velhos tempos Mahomet installára o seu serralho.

Sua construcção, bem pouco regular, não offerece um grande valor artistico. Do seu elevado torreão são dados os signaes dos incendios.

Scutari, com o seu bello solar do pachá, encerra a mais vasta das necropoles mulsumanas. Suas florestas de gigantes cyprestes fazem sombra á grande area montanhosa cortada de longas aléas na extensão de uma legua. Ao longo de suas ruas, inclinam-se os anjos de marmore sobre um mundo feito de lapides brancas como o jaspe. Fora neste campo santo que o fundador valoroso da religião dos ottomanos fizera enterrar o bello corcel de sua montada. O animal neste cemiterio possue um tumulo encimado por uma cupola sustida por quatro columnas, que bem póde ri-

(Termina no fim do numero)

Instrumentos de Tortura da Escravidão

Freios para Escravos

A gravura ao lado reproduz um *Freio de Negro* (apparelho de tortura applicado antigamente aos escravos no Brasil) offerecido pelo Dr. Teixeira Leite ao Museu Historico do Rio de Janeiro. Com essa dadiva, ficou o importante Museu com sua collecção enriquecida de mais um valioso documento da selvageria que caracterisou a éra triste da escravatura no Brasil.

Figura agora o *freio de negro* junto das fôrmas de ferro para *marcar a fogo* os escravos, processo de identificação de propriedade usado outr'ora por varios senhores e identico ao que actualmente é empregado para marcar animaes, em estabelecimentos pastoris.

A destinação do freio não era *punitiva*, como o chicote ou o poste de supplicio; era *preventiva*, para evitar que o escravo se désse ao *vicio de comer terra*, o que, no entendimento dos Senhores, era *manha* do negro preguiçoso com o fito de adoecer afim de não trabalhar.

A crueldade dessa pratica, que, já de si, é monstruosa, ainda accresce com a noção hoje firmada acerca do *vicio de comer terra*. O chamado *vicio de comer terra* é a ankylophagia conhecida como symptoma da *necatorose* ou *ancylostomose*, espalhada, com nomes varios (mal da terra, doença da preguiça, amarellão, opilação e outros) por todo o territorio nacional, zonas havendo em que é de 80 % e mais a porcentagem dos opilados.

Esta doença é causada por um pequeno verme (que existe no sólo humido) — o Necator — o qual, penetrando aos milhares pela pelle de entre os dedos dos pés das pessoas descalças, é levado, pela circulação do sangue, até o intestino, a cuja mucosa se agarra para sugar os globulos vermelhos do sangue e lançar nelle as suas terriveis toxinas.

Os symptomas mais caracteristicos da Opilação são justamente o cansaço, a incapacidade physica para o trabalho (de onde a denominação popular de Doença da Preguiça) e o desejo pervertido de comer terra (de onde os nomes de Mal-da-Terra para a doença e o de "*vicio*" *de comer terra* para o symptoma).

O que acontecia com os escravos era que andando descalços, elles se contaminavam e, victimas da Opilação, não escapavam ás caracteristicas do mal: a *preguiça* e o *vicio de comer terra*. A ignorancia e a impiedade dos Senhores completavam rapidamente a obra assassina dos vermes, pondo o chicote e o *freio* a serviço da morte.

Depois da lei de 13 de Maio, taes apparelhos de tortura perderam a voga, recolhendo-se definitivamente aos Museus.

Mas permaneceu o *Necator*, o verme da Opilação, contra o qual a nossa raça ficou á espera de outro 13 de Maio que consolidasse a emancipação sanitaria, não apenas dos antigos escravos, mas de toda a vultosa massa humana que a Opilação castiga no Brasil.

EXEMPLAR DE UM FREIO PARA ESCRAVOS OFFERECIDO AO MUSEU HISTORICO DO RIO DE JANEIRO PELO DR. TEIXEIRA LEITE.

E, para a definitiva libertação dos escravos brancos e pretos da Opilação — a maioria dos Brasileiros — a lei está promulgada: é a lei natural da solidariedade humana e do patriotismo que impõe a todo Brasileiro Opilado o dever de curar-se não só para poder dar ao paiz a collaboração de seu trabalho valorisado pela saude, como tambem para cessar de ser um portador de vermes que póde contaminar elementos sadios e uteis da collectividade.

Porque a Opilação é uma molestia perfeitamente curavel. O seu remedio especifico é a *Necatorina Merck*, que os postos de Prophylaxia distribuem de graça e que se vende a preço modico em qualquer pharmacia.

Em geral, uma só dose de Necatorina faz expellir todos os vermes da Opilação, alliviando immediatamente o doente e restituindo-lhe a saude.

Acontece, porém, quasi sempre, permanecer, após a eliminação dos vermes, o *estado de anemia* causado por elles emquanto estiveram a chupar o sangue de sua victima.

Para esses casos, isto é, para a *anemia dos opilados*, o remedio indicado é as *Pilulas Anti-Anemicas do Doutor Belisario Penna*.

Estas pilulas restauram o sangue, combatem o effeito das toxinas dos vermes e, sendo tambem vermifugas, fazem expellir um ou outro *Necator* que por acaso não haja sido eliminado anteriormente.

Zizinha — Do Pentagono Bahiano, vencedora em 2º logar do 2º Torneio Charadistico, d'"O Malho", de 1927 e detentora do premio consolação do 3º Torneio do mesmo anno.

O egoismo é como a obesidade: quanto mais se tem, mais incommodado se é pelo dos outro.

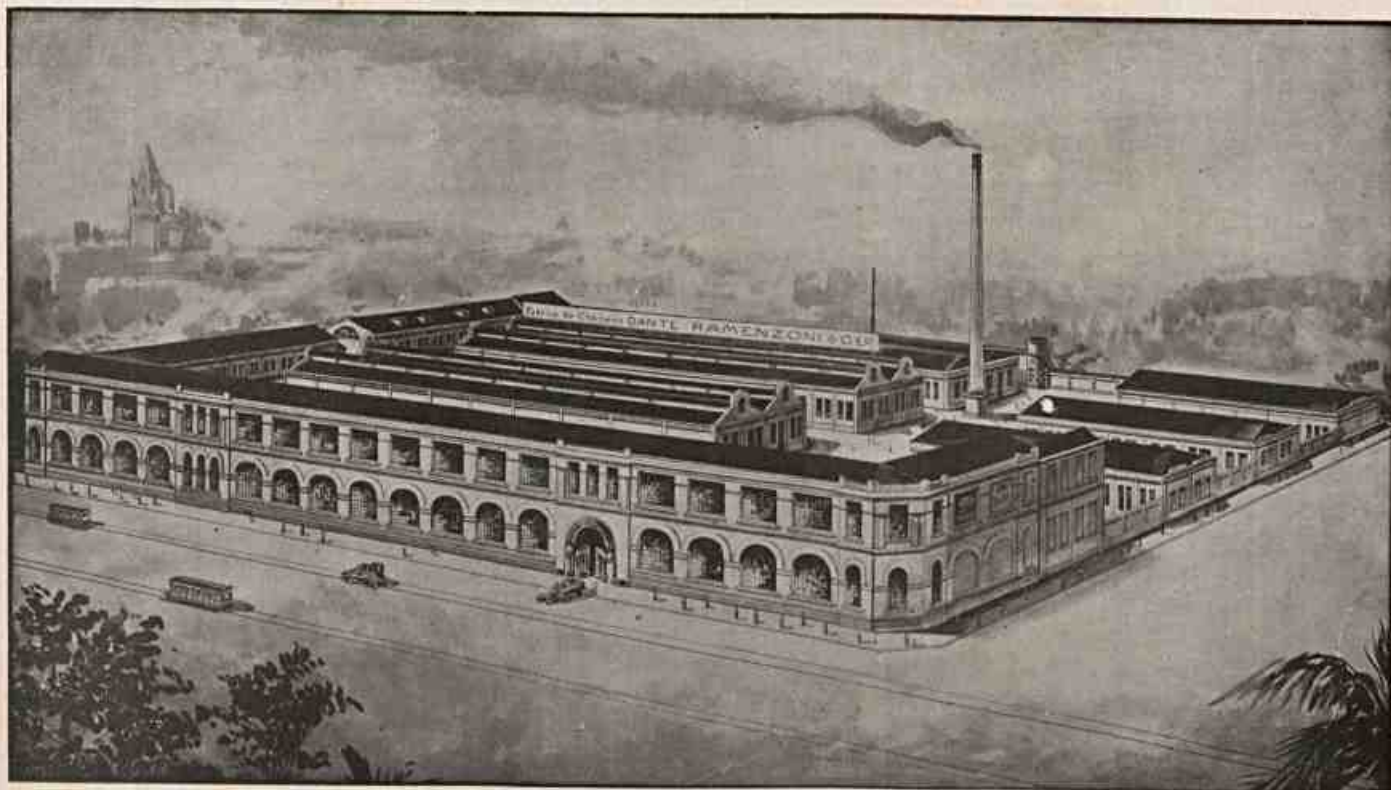
OS SEGREDOS DA CUTIS REVELADOS POR UM DERMATOLOGO

(Da Revista "Cosy Corner")

"O grande segredo da conservação do aspecto juvenil do rosto consiste na extirpação da cuticula morta", diz um celebre dermatologo. E' cousa bem sabida que a epiderme se acha em um estado de constante renovação, pois as cellulas mortas se desprendem em pequenas particulas continuamente. Porém, se por um motivo qualquer, as referidas cellulas não caem, apenas mortas, ficam adheridas á flôr da pelle, cobrindo as cellulas vivas da epiderme. Neste caso haveria que recorrer a um especialista dermatologo para que procedesse á extracção da pelle do rosto em uma só operação, mas este é um processo doloroso e caro. Resultado identico se póde obter, gradualmente e sem perigo, applicando a cêra mercolized (em inglez: "pure mercolized wax"), substancia que se encontra em qualquer pharmacia. Applica-se como se fosse cold-cream. Com pouco dispendio se procede á completa extracção da pelle do rosto, sem dôr alguma, absorvendo as cellulas mortas e fazendo apparecer a nova, sã e rosada cutis que se acha immediatamente por baixo.

José Borges de Barros, da Bahia, um dos collaboradores do "Album de Œdipo".

A Sra. Guedes, lendo o seu jornal: — Vem aqui um artigo intitulado: "Muito em pouco".

O Sr. Guedes: — Naturalmente, trata-se de botas apertadas, não é assim?

Dante Ramenzoni & Cia. Ltda. — São Paulo — A maior' fabrica de chapéos da America do Sul

A PROSPERA SITUAÇÃO DO NOSSO COMMERCIO DE CALÇADO

Demonstra-a, soberbamente, a conhecida Casa Bastos

A fachada do predio occupado pela importante Casa Bastos

Muita gente duvida ainda que possa alguem adquirir o habito de só fazer as suas compras em determinado estabelecimento.

No emtanto, nada mais verdadeiro.

Haja vista o que se passa com o grande emporio de calçados da firma Fernandes Bastos & C., soberbamente installado á rua Uruguayana n. 19, entre as ruas Sete de Setembro e Ouvidor, conhecido pela denominação de "Casa Bastos".

Quem uma vez foi a essa casa e comprou um par de sapatos, póde ficar certo de que nunca mais preferirá outra.

Isto aliás, se explica facilmente.

E' que, a conhecida Casa Bastos, é o maior, mais popular e mais bem montado estabelecimento de calçados existente no Rio de Janeiro.

De um tudo, no que concerne ao genero de calçado, nella se encontra e por um preço bastante convidativo. Desde o mais fino e mais moderno sapato ou botina, até o simples chinello, ou a alpercata para creança, o magnifico estabelecimento possue.

Em calçados para senhoras, então, nenhuma outra supera a Casa Bastos, que tem sempre em suas montras as mais bellas fôrmas, os mais lindos modelos, em estylo de luxo e elegantes.

Por isso mesmo, gosa hoje, o modelar emporio da firma Fernandes Bastos & C., em toda a praça do Rio, de um renome acatadissimo, que se traduz, perfeitamente, por essa frequencia de escol que, diariamente, nelle se nota.

Para a conquista dessa fama invejavel, os intelligentes proprietarios da acatada casa commercial da rua Uruguayana não têm poupado esforços, o que ainda agora se acaba de verificar com a remodelação por que passou o estabelecimento e que permittiu o augmento de suas vitrines, que hoje são em numero de dez, e onde se encontram em exposição, calçados finissimos, obedecendo sempre ás novas creações cujos estylos seduzem e encantam a sua freguezia de "elite".

Por tudo isso, o conceito de que gosa a grande casa de calçados da nossa cidade, havia de se alargar, crescendo cada vez mais o numero de seus freguezes, quasi todos pertencentes á nossa melhor sociedade.

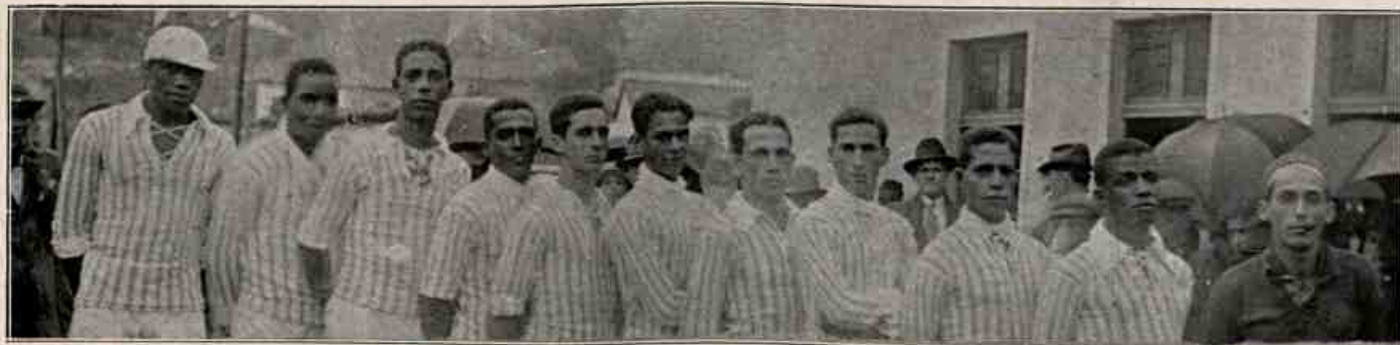
(Transcripto d'*A Noite* de 25 de Julho de 1928)

Miniatura da capa do PARA TODOS... de hoje

"O MALHO" EM NICTHEROY

Na conferencia do Prof. Leoni Kasseff, na Escola Normal de Nictheroy.

Depois da posse do presidente do Instituto Fluminense de Contabilidade.

Durante a conferencia do Prof. Leoni Kasseff, na Escola Normal de Nictheroy

Team do Ypiranga F. C. de Nictheroy, que venceu por 10 x 1 o Ypiranga de Macahé

Os jogadores do Ypiranga de Macahé, que foram derrotados pelo Ypiranga de Nictheroy por 1 x 10

COISAS DE THEATRO

O leitor talvez saiba. Mas si não sabe, fica sabendo agora que, na China, — desde seculos, — a lei prohibe a mulher de apparecer sobre o palco. (Como nos parece absurda esta prohibição depois do Moulin Rouge). Em virtude dessa prohibição legal, eram os homens que se incumbiam de representar, nos theatros, os papeis de mulher.

Com o correr dos tempos porém, victima igualmente como nós, como todo mundo, da infiltração da civilização occidental, a China começou a amollecer... E alguns directores de theatro de Shangay obtiveram do poder publico permissão para fazer apparecer em scena alguns magnificos exemplares do sexo fragil.

Annunciada a primeira representação, da primeira peça, o publico compareceu, em massa, ao theatro. Mas, logo no primeiro acto, verificou-se que a representação não poderia proseguir, taes as *vaias* tremendas que se fizeram ouvir contra as mulheres. Vaias? Sim, senhores! O publico não acceitou a substituição. Interrogados pelo director que surgiu na bocca da scena, alguns expectadores declararam que as mulheres eram *muito femininas*...

Coisas de theatro... Aliás, coisas da vida. Porque, no theatro, como na vida, só ha um encanto: a illusão.

Paysagem bahiana (Fazenda Busca)

"PUR NADA!"

— E' verdade, nhô Conrado,
Qui morreu o Saracura,
O paquêro maissarado
Qui havia n'esta artura?

— Si é verdade, João Ventura...
Me alebrando do damnado
Inté chóro di amargura!
Cumo eu quiria o coitado!...

Oi: num dei elle, ôtro dia
Pro nhô Juca, pur vintão!
I na sômana passada.

Num vendi elle p'ro Ilia
Pur trinta mireis, nhô João!
I elle... morreu pur nada!

J. S.. Primo

S. Paulo.

A VIDA TURCA

(Continuação)

valisar em pompa com os que foram erigidos aos mais notaveis personagens do imperio.

Alguns dos arrabaldes mais pittorescos do imperio ottomano são bem pouco salubres, devido a sua grande cinta de necropoles. Suas mesquitas de marmore branco são pelos visitantes muito admiradas pela sua elegancia. Os seus minaretes de salientes balcões são revestidos, em geral, de graciosos ornamentos. Circulando os tumulos de seus fundadores estão sempre accesas muitas lampadas.

Em torno da mesquita estão enterrados muitos dos sultões.

Toda a casa turca tem dois lances: um, em que habita o chefe com seus filhos e servos e outro — o que se destina á mãe da familia com os seus filhos e as suas escravas. Essas duas peças são ligadas á uma camara, cujo ingresso é, apenas, facultado a seu dono. No harém vivem as captivas em uma roda viva nas occupções caseiras. Ao centro da parte do palacio do sultão occupada pelas mulheres existe uma grade com uma porta de ferro, através da qual a mais edosa das escravas transmitte ao mordomo as ordens da senhora. Os parentes, mesmo os mais proximos, sómente podem ser introduzidos no harém pelos escravos ethiopes, nos momentos de festa em familia.

Mesmo em umas taes occasiões apenas lhes é dado falar ás suas parentas debaixo das vistas discretas de suas escravas. Estas visitas devem ter a mais curta duração.

Em um grande numero de familias ricas o cabeça não toma assento á mesa com as suas mulheres. Em raras vivendas as janellas dos quartos deitam para a rua e quando deitam são sempre revestidas de grades de madeira ou de ferro.

Nos banhos publicos, nas visitas, nos bazares as ottomanas sempre vem seguidas por um eunuco. Esse guarda original do harém exerce sobre as escravas a mais severa vigilancia. Se avistam pelas ruas, mesmo aquelles aos quaes estão ligados pelos mais estreitos vinculos de sangue, não lhes podem dirigir a menor palavra. Nas casas de banho podem, todavia, entreter longas palestras, com uma certa liberdade em grande espaço de tempo. São estes os logares reservados pelas ottomanas para as suas entrevistas.

Quando uma dama se acha na companhia de uma de suas amigas é de todo, vedado o ingresso de seu marido nas balnéas, salvo para isso tendo sido convidado, afim de que a visitante possa ter o preciso tempo para occultar o rosto no véo.

Os medicos não podem entrar na habitação das ottomanas, senão seguidos pelo marido e pelo rosario das discrétas escravas. Sómente lhe é facultado tomar o pulso á enferma quando seu braço está por completo coberto por um estôpo de cassa.

A guarda é feita no harém por um grande numero de eunucos ethiopes.

O seu chefe tem o nome de "gizleraghasi" (chefe das mulheres. Todos os guardas orientaes, em numero de quatrocentos, estão sugeitos aos rigores e aos caprichos dessa autoridade.

Dentre esses dois existem: — o do novo palacio — que faz guarda ás odaliscas do sultão reinante, e o do velho "serai" — que tem a seu cargo a vigilancia das escravas de seu predecessor. Aquelle gosa de uma grande influencia junto ao imperador. Em geral, o elevado cargo de chefe dos guardas dos haréns orientaes é occupado por negros eunucos.

No emtanto muitas vezes tem sido occupado por eunucos brancos.

A gestão dos haréns está na alçada

do "gizler-aghasi" (o chefe das mulheres). Logo abaixo deste guarda vem o "alido-aghasi" (o eunuco da sultana mãe) e a seguir o dos principes, o thesouro do harém e os eunucos da grande e da pequena camara das escravas. Logo a seguir esses personagens vem os "imans" da mooqueia do harém.

O "gizler-aghasi" é uma especie de secretario particular do sultão.

Uma cousa bastante curiosa:

Existem sete eunucos que são os senhores de um harém para o seu uso proprio.

Todas as mulheres são captivas e nenhuma pode ser incluida no rol das odaliscas.

Foi entre as georginas que o sultão escolheu as suas favoritas.

Apesar de estatuido no "Corão" que possam ter somente quatro mulheres, os soberanos turcos por vezes, muito tem excedido esse numero. Essas esposas, de modo algum legitimas, tomam o nome de "gadin" (damas).

Ellas têm uma série de classes. Estas não são, no emtanto, as sultanas.

(Termina no proximo numero)

ALBUM DE ŒDIPO

ERRATA

Novissima, de Estudante: — *corcunda* — e não o que sahiu. Dita, de Pata-Choca: — *cabana* — deve ser gryphada. Logogrypho, 327, de Belves: — tento e não — tendo (7º verso). Dito, de João d'Oéste: o — um — do 3º verso não deve ser gryphado, nem deve haver aspas logo depois da palavra — Memento. — Dito, de Magala: — resiste — e não resis — (2º verso). Dito, de Dente de Ouro: — do sarcêdo — e não dos sarcêdos —.

Luiz Gyongy & Cia.

No sabbado, ás 17 horas, realisou-se o levantamento da cumieira do predio onde vae ser installada a fabrica de Artefactos para Illuminação Electrica, dos srs. Luiz Gyongy & Cia., actualmente á rua Pedro I, 29.

Em predio amplo e installações para mais pessoal, podendo ampliar a sua producção, ficará desde o mez que vem em diante, na sua nova casa á rua Luiz Guimarães (Villa Izabel) a parte de fabrico, continuando a secção de vendas e escriptorio á rua Pedro I, 29.

Ao acto compareceram muitas pessoas amigas d'aquelles senhores e foram levantados varios brindes. A inauguração da fabrica será por todo o mez de setembro.

HUMORISMO

Desafio (*na viola*)

Eu me chamo Zé Polino
Polino da Conceição
Quando pego na viola
Paro munto coração
Eu num só cá da cidade
Minha terra é no sertão
Cabra cumigo não tira
Do meu braço, o violão.
Chico Rita, Zé Temoso,
Cada quá mais valentão
Se atrevêro a um desafio
Cumigo de violão.
Chico Rita põe sintido
Qu'eu só primo de lião
Meu pae era fio de cobra
Subrinho de gavião.
Chico Rita fica attento
Qu'eu te boto no chão.
Chico Rita disistindo
Apertô a minha mão
Falando arto pro povo
Diz qui eu era o campião.
Zé Temoso vêno isso
Si amoitô no capuêrão.
Cá no Rancho da Sôdade
E' qu'eu chôro uma paixão.
Bem; tá tarde, eu vô simbora.
Vô guardá meu violão.

Helio Leite Guimarães
São João d'El-Rey — Minas.
5—6—28.

DE MARCO AURELIO

Teu mal não consiste no espirito de outro, nem em nenhuma modificação ou alteração da materia que envolve o teu.

Onde está, então?

Na parte de teu ser que julga os males. Que não se pronuncie por nenhum e tudo vae bem.

Ainda que o corpo que se approxima dessa parte, estivesse dividido, queimado, arruinado ou ulcerado que permaneça tranquillo; ou melhor que julgue que o seu forte succeder igualmente ao homem perverso e ao homem honrado, não é nem um mal nem um bem. Porque bem considerado, o que vive em opposição com a natureza, como o que vive de accordo com ella, não está nem contra nem a favor seu.

* * *

A gente mais amavel é aquella que menos fere o amor proprio dos outros.

Leiam o O MALHO.

A CASA DA CARIDADE

(ESPECIAL PARA "O MALHO", POR

BARROS VIDAL)

(FIM)

Attendendo ao nosso pedido, sempre encantadoramente gentil, o Dr. Affonso Junior nos apresentou ás jovens mais antigas do Asylo, Margarida Costa e Edith Cardoso. Entraram para o Asylo no mesmo dia: 20 de Setembro de 1918, com a idade, ambas, de 10 annos. Essa coincidencia e mais os seus temperamentos, que sempre combinaram, tornaram-nas amigas. E amicissimas chegaram, hoje, aos 18 annos unidas por uma solida amisade e uma confiança illimitada, maiores ainda que a confiança e a amizade de irmãos! Margarida já concluiu o curso e seus tutores — se os tem — já podem retiral-a do Asylo. Mas ella não quer sahir...

— Quer então, ficar aqui?

— Sim, senhor. Não troco esta casa por nenhuma outra. Sinto-me tão bem aqui!...

Margarida sabe bordar com perfeição, escrever á machina, fazer meias além do curso completo de oito annos de asylo. O santo da sua devoção é São Francisco de Assis.

— Qual é a sua aspiração maior?

Ella achou graça da pergunta, mas respondeu:

— A minha aspiração é ficar aqui...

Já a linda Edith Cardoso que completou o curso tambem e que tem a educação completa de Margarida, sabendo, ainda, tocar piano e harmonium com admiravel agilidade, tem outros ideaes. Ao fim do anno, quando sahir, irá ajudar os parentes, irá trabalhar, emfim para tirar proveito pratico de tudo que aprendeu.

— Gosta do Asylo? Gosta das irmãs?

— Gosto muito, meu senhor. Aqui somos tão felizes e as irmãs tão boas!...

— Qual o santo de que gosta mais?

— Esta, e mostrou-nos a imagem de Nossa Senhora da Conceição, que trazia ao peito, suspensa de um fio de prata. Olhando-a, fixamente, rematou:

— Ella tem sido minha amiguinha. Tudo que lhe peço me concede. Não acha que devo ser sua devota?

* * *

Das 112 alumnas do asylo, as mais novas são a Hortelina da Costa e a Diva Rizzi, internadas em 29 de Janeiro deste anno. Ambas de oito annos de idade, ainda se estão habituando ao meio. Têm gostado muito da vida nova. A Hortelina, principalmente, que com o seu arzinho de doçura nos disse que ainda não acredita estar ali dentro!... Hortelina aprecia a bondade das irmãs, o bom paladar das companheiras que trabalham na cozinha e a cama que dorme, que é macia. Gosta muito de rezar a "Ave-Maria".

E tu, Diva, indagou o Dr. Affonso Junior, de que mais gostas?

Ella baixou a cabeça e respondeu:

— Da "ciranda, cirandinha..."

* * *

Depois de examinar o lindo bordado que a pequena Odette da Costa concluira, despedimo-nos das asyladas que, sorridentes, nos cumprimentaram. Apertamos as mãos do generoso Dr. Affonso Junior e das bondosas irmãs religiosas. E descemos os degráos de marmore do Asylo, cheios dessa alegria que invade o coração da gente, quando se vê que a caridade opera milagres como aquelle, de transformar em clarões as trévas da ignorancia e de contrariar o Destino, dando pão e tecto áquelles a quem esse mesmo Destino roubou, no berço, o tecto e o pão...

BARROS VIDAL.

TORNEIO EXTRAORDINARIO DE 1928

Em homenagem aos charadistas lusitanos d'aqui e d'além-mar

PREMIOS

PARA OS SOLUCIONISTAS

Offerecidos pelo "O Malho".

1º LOGAR — Um Diccionario Encyclopedico Illustrado da Lingua Portugueza, ultima edição, accrescentada e augmentada por João Ribeiro.
2º LOGAR — Um Diccionario Etymologico, de Silva Bastos.
3º LOGAR — Um Diccionario do Charadista, de A. M. de Souza.
4º LOGAR — Um Calepino Charadistico, de João Candelaria Sobrinho.

Offerecido pela Tertulia Œdipica, de Lisbôa, ao charadista brasileiro que conquistar o primeiro logar — *Um Diccionario de Francisco de Almeida e Henrique Brunswick* (edição Pastor) em 2 volumes.

Offerecido pela Liga Charadistica Paulista ao decifrador portuguez que conseguir o 1º logar. — Uma collecção d'*O Enigma*, orgão official da *Liga*, desde o n. 10 até 70, encadernada; ou se houver empate, para aquelle, da mesma nação, que a sorte designar em sorteio differente do que fôr beneficiado para o premio do *O Malho*.

Offerecido pela Trindade Œdipica de S. Luiz, Maranhão, para o que chegar em 5º logar. — *Uma obra literaria.*

Offerecido pela U. C. B. (União Charadistica Brasileira) a cada um dos vencedores do 6º, 7º, 8º e 9º logares, ao que conseguir metade e ao que obtiver um quinto do total certo alcançado pelo vencedor de 1º logar — Um exemplar de "*Coisas do Cinema*", edição de luxo, livro de versos humoristicos de J. Poliegoni.

Offerecido por Carlos Costa, da Bahia, ao vencedor do 10º logar — Um exemplar do "*Esaú e Jacob*", de Machado de Assis.

PARA OS PROBLEMISTAS

Offerecido pelo "O Malho". — Um *Diccionario Pratico Illustrado*, de Jayme Seguier, para o autor do melhor trabalho em conjuncto.

Offerecidos pela Liga Charadistica Paulista. — 1 assignatura annual de *O Enigma*, para o autor da melhor charada novissima ou charada em phrase; 1 outra para o da melhor charada antiga ou em verso; 1 outra para o do melhor enigma, ou enigma charadistico; 1 outra para o do melhor logogrypho; 1 outra para o do melhor enigma pittoresco ou figurado.

Offerecido por *Ignotus* ao autor do trabalho mais difficil — Um exemplar de "*Inverno em flôr*", de Coelho Netto

NOTA — A parte orthographica e metrica dos trabalhos publicados no presente numero, corre por conta dos respectivos autores; nós só influiremos na parte propriamente charadistica.

CHARADAS NOVISSIMAS 251 a 280

2—2—Os deputados da "*opposição*" tiveram *opportunidade* de ver o governo soffrer um *revez*.

Tieno (Do Nucleo Enigmatico)

2—2—*Apalpa* a *corrente* do relogio do escriptor *que tem estylo fluente.*

Ulrica (Do Hexagono Pharmaceutico)

2—2—Dou uma *gorgeta* a quem fôr áquelle *sitio* bater num homem *sem vergonha.*

Xigato (Da T. E. — Mafra, Portugal)

2—2—*Previne* sempre o teu "*igual*" se o vires no *vasto parque dos antigos persas.*

Alejoal (Da T. E. — Lisbôa)

3—1—Neste torneio, meus amigos, um trabalho *de ouro*, digno de "*nota*", dará ao seu autor a maior *gloria.*

Alfranga (Do Nucleo Enigmatico)

2—2—Dae ao "*homem*" o que é do homem e a "*Deus*" o que é de "*Deus*".

Amir

3—1—*Enfia perolas onde* te mando sinão ficas *enfiado.*

Arcebispo (U. C. B. e Hex. Pharmco.)

2—2—O "*cão*" do "*Rio*" é "*forte*".

Arthano (L. C. P. — S. Paulo)

3—1—*Vive á custa* do *luto* sem que seja *percebido*

Aventureira (Bahia)

2—2—O *chefe* do *magote de pessôas* que além vem é um *rapaz um tanto espigado.*

Chica Saloia (Da T. E. — Mafra, Portugal.)

3—1—Qualquer *pessôa que tira informação acerca de outra*, se "*nota*" que é um mal *recommendado.*

Dr. Mabuse (Do Nucleo Enigmatico)

Ao confrade "Apollo"

3—1—Quem *afasta alguem dos seus deverés*, sem *compaixão*, por certo que é um *libertino.*

Dropê (Da T. E. — Lisbôa)

3—1—Esta "*substancia*" que puzeste *no navio* muitas vezes explode com horrivel *estalo.*

Esperança (Maceió)

2—1—Quem tem *concurda* não *permitte* pancada no *chapéo.*

Estudante

2—2—Se disseres que a *comida* feita por esta "*mulher*" não presta, será uma grande *offensa.*

Everest (Maceió)

3—1—*Fausto* é o *unico* poema de Goethe *que produz sensação no publico.*

F. G. Lins (Do Nucleo Enigmatico)

1—2—*Mais de* que tudo serve a *voz publica* no "*bairro de Lisbôa*".

José Pedro da Fonseca (Do Nucleo Enigmatico).

Ao mestre "Gondemaga"

2—1—*Tem disposição "nota"*-se nesta charada, á *trapaça.*

Josim Amil (Recife)

4—1—*Tem vaidade onde* reside; por isso fica *cheio de si.*

J. Poliegoni (U. C. B. e Hex. Phco.)

3—2—O "*intervallo*" no serviço, sem má *intenção*, é *previdencia.*

Klingoros (Recife)

1—2—Fugio para a "*montanha*" o *culpado* do roubo no *celleiro.*

K. Penga (L. C. P. — Santos)

2—2—As *bolas* batiam na trave com *rythmo* de *instrumento.*

Duas Cobras (Da L. C. E. — Sergipe)

2—2—Esse *frio intenso* é a causa de tua *falta de preparo* na "*representação*".

Luiza (Maceió)

A "Alguem"

3—1—Nas *ferias* sou *um mandrião.*

Lumaro (Da T. E. — Mafra, Portugal)

2—3—*Contra* a *sagacidade* não ha *prevenção.*

M. Lia (Recife)

2—1—Esta "*corrente*" não *basta* para segurar a porta da cabana.

Pata-Choca (Maceió)

1—1—*Olha*, a tua *casa* vou *vigiar.*

Radio (Recife)

2—4—*Em volta* do mundo qualquer *forasteiro é charlatão.*

R. Gondim (Do Nucleo Enigmatico)

2—1—O medico que *toma sobre si* a responsabilidade, *não* deve se descuidar do paciente durante a *operação.*

Spartaco (Belém, Pará)

3—1—*Toma conhecimento* da "*oração*" um homem *talentoso.*

Sinhô (Da L. C. P. — São Paulo)

CHARADAS ANTIGAS 281 a 296

A' *"medida"* que a charada,—2
Vae sendo urdida a rigor,
Não se *Papa"* sem massada,—2
Facilmente, não *"senhor"*

Dos Santos (Ipameri, Goyaz).

Tecido de esparto na cidade,—3
Se *"nota"* quando fica a prumo,—1
Disse o Gil depois de ter visto
Navegado o navio n'algum rumo.

Ave da Sorte (Bahia)

Quem *apalpa muito* uum fructo—2
Em quintal alheio. Um dia
Onde menos não pensar—1
Pode soffrer *correria.*

Tok-Tuk (Recife)

E' meio dia. Nas sombras da floresta
Descansam variados animaes;
Dá-nos a sensação de encanto e festa
O mavioso cantar dos sabiás.

Que bonitos trinados, bella orchestra,
Dos periquitos, dos cucos e outros mais!
Brilham raios de sol em cada fresta,
Correm bellos nhambús nos espinhaes!

Serpenteando, fazendo mil rodeios,
Corre, garboso, pela floresta em meio,
Pequenino regato onde, com goso,

Todos vão beber d'agua crystallina—2
Tudo isto ao sabio e ao *rude* ensina—3
A existencia de um *Todo-Poderoso.*

Jovaniro (Da A. C. L. B. — Nazareth).

Na lucta não *sonda* nunca—2
Quem, mesmo por um momento,
"Principe" já foi nas batalhas—1
Varando pelas metralhas
Sem nenhum *agastamento.*

Floripes (Bahia)

Ao insigne "Dr. Lavrud"

Se *applica forçadamente*—3
As Leis, sem ter *compaixão*,—1
Decerto lhe chamarão
Violento e inclemente.

Euristo (Da T. E. — Lisbôa)

Aos heroicos portuguezes. (Ditoza patria que tal filho teve. — Camões).

Patria de Camões de Quiteria, eu me illudo?
Porque que tendo tudo
Não queres te ufanar?
E' que em ta'alma vibra a fé, o mysticismo,
Outra coisa mais nobre, onde um peito altivo—1
Não quer jamais se inflar!

A *voz publica* te acclama porque que sempre mudo—2
Te mostras, quando o estudo
Não te deixa calar?
E' que em tu'alma estruge, em rasgos de heroismo,
N'um constante estridor, o écho de civismo,
Irmãos de além-mar!

Com passaros eoolos de ferro, bronze e lei
Marcaram a tua grei
Mais um feito, uma gloria
Ascendendo p'r'o ceu, traçaram no infinito
Mais uma Via-lactea erudita e, contrictos,
Mostraram-te a victoria!

Abraço-te, oh gran Patria, amado Portugal,
Tu, berço de Camões,
Tu, Patria de Cabral!
Sou filho do Brasil que importa este brazão,
Se tu és delle amigo e elle é teu irmão
O mais universal!

Que importa a *MOURARIA*, se tudo é verde e rubro,
Se teem um ideal,
O de cinco de Outubro!
Acceita, Patria excelsa d'um filho do Brasil!
Um evohé, um amplexo, um écho varonil!
Ave! Portugal!

Rei dos Incas (Nucleo Enigmatico)

Escuridão sinistra! De melancolia
Cobriu-se a terra assustadoramente!
Na solidão calada um mocho pia
Como se *ali* chorasse um penitente.—1

A *tristeza* da noite se avalia,—1
Quando, da lugubre ave, á voz dolente
Se junta o sibilar da ventania
Povoando de visões a nossa mente!

.. ..

Assim foi que de funebre folheto
Romantico poeta recitou
O mais soturno e tetrico soneto!

Mas ouvindo tal metro uma lacaia
Ao vate lacrimoso declarou:
— Que versos bons p'ra se dizer na *praia!*

Mr. Trinquesse (L. C. P. — São Paulo)

Uma *occasião*, um instante—1
Olhei-te uma vez *somente*—1
Desde esse breve *momento*
Amei-te perdidamente—!

Moranguinho (B. N. P. — S. Paulo)

O que *soffre dor violenta*—4
Onde tem chaga latente—1
O prazer não o contenta,
Mas o torna *impertinente.*

Arcebispo (U. C. B. — Hex. Phco.)

Não houve *aviso* na aldeia—3
Faz reparo uma creatura—1
Que quasi vae á cadeia
Por motivo da *censura.*

Rosadalva (Da A. C. L. B. — Recife).

Se o senhor *fica atalhado*—3
Por *causa* da Conceição,—1
Augusta logo se zanga,
Fica até *privada de acção.*

Dama Verde (Bahia)

Para o amigo Spartaco decifrar:

Já reparou meu companheiro
Que toda a pessôa que *debica*—3
Não *presta* — é vil typo gaiteiro,—1
— E até *implicada* se fica.

Dr. Mabuse (Do Nucleo Enigmatico)

Para experimentar o Anhangá...

Rego é valla ou é sargeta—2
Nota falsa *não* é dinheiro—1
Velha pintada é faceta
De riso bem *chocarreiro,*

J. Poliegoni (Da U. C. B. — Hex. Phco.)

Não te viste, *ainda*,—1
ao espelho e de perto;
és tonta de certo
julgando-te linda.

A feia, é bem *certo*,—2
modéla e alinda
seu todo, e, só finda
achando o acerto.

Mas, tu não precisas
de encantos ou brisas
de esquisito odor...

Teu espelho que engana,
mostrou-te magana...
Que espelho *traidor.*

Belves (Da T. E. — Lisbôa)

A' Tereza M, Val

Fui, noutros tempos, fazendeiro em Minas,
perto desta risonha *povoação*,—2
Todas as tardes recolhia o gado.
numa *arribana*, em frente ao meu rincão.—2
Mas, a desgraça *sobrevém* então!...—1
Numa tarde de Abril vi, com tristeza
a peste fulminar o meu rebanho,
arrebatar sem dó minha riqueza!
— Maldição! blasfemei. E, allucinado
GRANDE BARULHO fiz na povoação...
Por fim... me conformei; e então contricto
pedi perdão a Deus de minha acção!

Lyrio do Valle (Belém — Pará).

ENIGMAS CHARADISTICOS

297 a 314

Ao tribunal foi requerida um dia,
Entre as causas que surgem á porfia,
Uma acção de desquite.
Quem propunha a demanda escandalosa
Era a mulher do Nicoláo Bulhosa,
Que vende dynamite.

As razões allegadas pela autora,
Formosa, meiga e juvenil senhora,
Eram justas, com effeito:
Basta dizer que antes do casamento,
O typo era *ladrão*. Fôra um detento.
Que celebre sujeito!

Atraz do dote da menina amante,
O pirata bancou negociante
De suspeito explosivo...
Portanto, se razões outras faltassem,
Que a causa dessa moça sustentassem,
Bastava esse motivo.

Unido a ella, esse homem miserando
Atirou-se á *leviandade*, dissipando
O dote da mulher.
Sabedora de tudo, esta o repelle,
E aspirando de vez livrar-se delle,
O desquite requer.

Principe de Beauharnais (Bahia)

Que horrivel chaga apresentas,
O' Guedes das Amoreiras!
Fizeste boas asneiras
Para ficares assim.
Mas, não te importes, ó Guedes!
— Da chaga muda a cabeça
Por outra que se pareça,
E verás, Amigo, emfim,

Que ficas livre do mal
Que te corroe essa vida,
Pois dessa enorme *ferida*
Apenas resta um *signal,*

Principe de Moskova (Do H. N. — Bahia).

Nas finaes eu nasci. Bella Cidade
De forma caprichosa,
Onde as primeiras plantaram por bondade,
Um'arvore frondosa.

De seculos escoaram varias series...
Heril e protector,
O tronco resistio ás intemperies
do tempo destructor.
Inda hoje, aos viandantes bronzeados
pelo Sol dos estios,
Acolhe e lhes refresca com cuidados
Os corpos doentios.

E todos abençoam a memoria
Com respeitoso aceno,
Das primeiras que deram á Historia,
Cultura de terreno,

Principe de Otranto (Bahia)

No total sem derradeira
arma offensiva terão;
no final da pepineira
nada por certo verão...
Syllabas quatro em fileira
neste todo encontrarão!
Vae agora de carreira
entrar o grypho em acção,
basta, pois, de tanta asneira,
que o todo e "*typho*", pois não!

Royal de Beaurevéres

Ao El-Principe

Quem faz prima com segunda,
Ou segunda unicamente,
Mostrando tercia e derradeira,
E' total forçosamente.

Feliz, quem tem extremos
Pratica esta segunda,
Sendo duas tercia e quarta,
E total da barafunda.

Estando como diz a prima
Sem terceira, deste engodo,
Raramente se faz segunda;
E não é *alegre* como este todo.

El-Rey Catalão (Franca, S. Paulo)

Anda o actor Pafuncio Macassar
Aos collegas de officio
Ancioso a perguntar:
Quaes as peças que vão apresentar
No dia em que fizer seu *beneficio?*

Hay Dée (Bahia)

De um poeta que o não tinha,
A bella e gentil querida
Seu coração lhe cedeu
Muito meiga e enternecida;
E elle, com o coração della,
Virou "*planta*" toda á vida.

Egas Forte (Recife)

Primeira é prima invertida
A segunda é a terceira
A tercia é tambem primeira
Vejam lá que remexida!

Não é, porém, intrincodo
Deste enigma o conceito
Quem o matar tem direito
De apresentar-se *emproado.*

Vasco Dias (Lisbôa)

Ao illustre confrade Anhangá

Quem procurar com cuidado
a solução do total
ha de dizer: com a breca!
que enigma banal!

E dirá mesmo a verdade,
ninguem póde protestar,
são duas partes iguaes
muito faceis de matar.

A primeira diz afan,
azafama — ventania;
A segunda, que é egual,
diz o mesmo todo o dia.

Falta só contar as syllabas
eu conto e declaro então:
São quatro, tome cuidado,
procure com attenção.

Para achar o todo agora
terás pouco que pensar...
— Que *grande pressa,* Anrangá...
procure, vá devagar...

Visconde de Ovar (Porto Alegre — Rio Grande do Sul).

Se alguem me vir sobre as ondas
No fundo do mar me apanha,
Quer por uma ou outra parte
Um outro ser me acompanha.

Oswaldo José Moreira (Sergipe)

A primeira com prima da central,
Ao mesmo e fim do fim é bem igual.
Igual tambem é o centro d'outro modo,
Menos letra do fim (não é engodo),
Com aquella, que, neste, finda o todo;
E este, ao povoamento bem contrario,
Posto que é, ao meu ver, *celibatario.*

Alvasco (Recife)

'Stava o Baixas da Silva a cavallo,
Num campo dos mais bellos da Sé,
Quando passa e vem logo saudal-o
O Martinho Paixão Caribé!...
E de logo pergunta: — "*Seu*" Baixas
Vejo-o, assim, tão bonito e tão guapo
Todo cheio de cintos e faixas...
Que é você para ter tanto papo?
— Olhe em volta, onde estou! Certamente
Acha logo o que sou, Caribé...
Sem cabeça, tambem, de repente,
Mostro a raça do "pingo" no pé...
E, tirando a alimaria, ligeiro,
Lá foi ver adiante um barulho,
O Martinho deixado banzeiro
Sem saber destrinçar tal embrulho.
E comsigo dizia: — Esse Baixas
Me sahiu um gamenho de caco...
Anda agora com armas e faixas
E não passa de um grande *velhaco.*

Principe de Eckmühl (Bahia).

Minha prima toma banho,
Toda a hora, toda a vida...
Por estar nagua metuda,
E' moça de bom tamanho.
Muito bem apparecida!

Quinta e quarta dão segunda,
E se a segunda é primeira,
No meio da barafunda,
Têm vocês, por brincadeira,
Vento que nisso redunda!

Vejam só quanta inferneira!
Vejam só que trapalhada!
Tudo vê minha terceira!
No total, sou, dessa alhada
Fazenda, p'ra costureira!

Principe de Essling (H. N. — Bahia).

Ao Royal de Beaurevéres:

Um dia, vi o meu total,
Com prima mais o terceira,
Numa immunda mansarda;
Tendo então, por companheira
Prima pós a tal segunda,
Desta minha barafunda.

Com extremos approximei-me;
Ao ver-me disse-me o todo:
— "Veja só que sorte a minha
Aqui a viver no lodo.
De ninguem, caro senhor
Tive as primas neste mundo
Com a final, com accento
Meu viver foi sempre immundo!
Inda assim mesmo sou tido
Quando 'stou em qualquer logar
Me chamam de *parasita*
Veja se não tenho azar!"

Spartaco (Belém — Pará)

Tercia final e dois
Formam bom "*compositor*",
Que faz parte derradeira
E com bastante primor.
Prima, fim, quarta e terceira
"*Suisso*" de mira certeira.
Na casa onde elle está,
Sabe mui bem dirigir-se;
E diz phrases maneirosas,
Quando vae a *despedir-se.*

Violeta (Da A. C. L. B. e G. C. R. — Recife).

As primas sem principal:
— "*Arvore*" que aqui abunda.
Na terceira com segunda
Bella "*cidade*" acharão.
Segunda e fim do total
Só *no peixe* encontrarão.
Quem a victoria não canta
Achando o nome da "*planta*"?

Miss Magali (Bahia)

Quando tercia e derradeira
Fazem o que diz segunda,
Faço eu segunda e primeira
A todos prazer inunda
E sem cançar a mioleira
Em *começo* aqui se funda.

Valete de Espadas (Minas)

De onde é este sujeito
Que o "*diabo*" dizem ser?
Veja se atina com o nome
Que jamais sei comprehender.

Angelica Dobrada (Bahia)

LOGOGRYPHOS 316 a 327

Naquella rica *reunião* galante,—1—2—6—10—11
Toda a aristocracia então se ostenta,
E o palacio em fulgores, representa
A visão de um incendio chammejante.

Crendo mesmo um sinistro, um caminhante,
Chama os bombeiros, cuja acção violenta,
Em jorros d'agua — original tormenta —
Damnifica mil coisas nesse instante.—7—3—9—10—8

Tilintam telephones, surge a briga,
A policia intervem, ouve, *investiga*,—1—6—4—5—8—7—3
E tudo num momento se explicou:

Fôra um *feixe* de luz mais viva e clara—3—5—11—7—8
Que illudira o informante — um typo arara —
E que em "*critico*" estado então ficou...

Principe de Beauharnais (Bahia)

Ao mestre Anhangá

E' o orgulho uma doença, um "*mal*" moral—7—5—2—10
Que ataca á muitos que *têm* fraca a mente;—8—1—7—10—3
Pois só com fraca mente, a *um* mortal,
Se despreza, orgulhosa e baixamente...

E' do orgulho o symptoma principal:
O julgar-se, o orgulhoso, erradamente,
Mais do que os outros.... Mas — por *força!* — é igual:—7—5—8—6—9
E' de alma e corpo como *toda* gente!—11—2—10

Do orgulho quasi sempre é a riqueza
A "*causa*", e muitas vezes a belleza,—8—1—9—4
Principalmente, é claro... entre "as" mortaes!

E um bom "*remedio*" é, por um momento,—3—1—9—10
O *recordarem* elles o "Memento"—3—1—2—6—7—10—9—1—3
Quia pulvis es"... Nada é preciso *mais!!!*

João d'Oéste (B. N. P. — S. Paulo)

N'uma "*villa portugueza*",—1—5—6—9
Por seu *clima* procurada.—4—6—7—2
Fui em busca de repouso.
Com *successo* na jornada.—9—2—3—5—7

Do meu soffrer aturado
Nem sei o que *dizer* tente—3—1—5
Magro, esgotado, sem forças
Triste, da vida descrente.

Hoje, *guerreiro valente*—9—8—4—2
Não mais vivo na incerteza
Saudoso quando me lembro
Desta "*Villa Portugueza*".

Valete de Espadas (Minas)

A menina que eu cortejo
resis, *briga*, não cede,—3—2—5—7
respinga e raro concede—6—4—1—7
se beija-la o doce ensejo.

Mas quando ás vezes acede
a *bagatela* de um beijo,—1—4—5—9
logo, num *grande desejo*,—7—1—9—8
furto-lhe beijos adrede.

O quanto possue de exquiva,
de uma forma positiva
minha musa aqui o diz:

— Pois só consigo vencê-la
usando de muita trela,
expondo *razões subtis*.

Magala (Da T. E. — Silves)

Ser burro, *torpe*, atrevido,—6—7—5—1—2—1—7
Dos maus actos presumido;
Ter sempre dentro do peito
Viva a viva brasa da discordia;
Não *enxergar* o que é bem feito,—3—4—5
Nem o que *préga* a concordia—1—2—6
Nos rebanhos da folia,
Errando sempre á porfia
Das troças e dos sarcêdos;
Ser cruel, ter bofe azêdo
Só pelo gosto, somente
O gosto de ser valente,
Não ouvir os bons conselhos
Que os velhos *graves* nos dão—6—4—5—2—7—6
A nós que somos fedelhos,
E' *contrario* á educação,—5—4—3—4—5—6—7

E mal que *apenas* se cura—6—7
Com uma cadeia segura.
Medidos estes dizeres,
Deve abolir toda gente
As troças, estes prazeres...
Em vez de chufa, e bravata,
As proezas de pirata,
O' mocidade demente,
Por que não ser *differente?*

Dente de Ouro (Muriahé, Minas)

Na roça. Mez de Março. Ouvindo o alarde
dos passaros na fronde do arvoredo
contemplo da eminencia de um rochedo
o almo painel nostalgico da tarde...

Muito distante, no sopé da serra,
vejo passar o Parahyba manso,
que vae, serenamente, sem descanso,
rumando o mar, fertilizando a terra!

Lá na campina um bando de garraios
da que fazer ao boiadeiro experto.
O *vagabundo* sol, quasi encoberto,—3—1—7—11—9—12—1
envia á serra os derradeiros raios...

Bate a porteira ao longe. Ha novidade.
Perscruto a estrada e vejo que uma *zôrra*—7—11—2—10—7—1
atada aos bois, gingando qual gangôrra,
demanda o pateo rustico da herdade.

Nada detem os mãsculos roceiros—5—8—9—10—8
na faina diaria e rude da capina;
um delles, no paiol, canta em surdina,
emquanto espera pelos companheiros...

E tamborilla os dedos na caçamba
da sella posta a um canto do palheiro,
lembrando-se, talvez, do seu pandeiro,
que rufa guapo e *forte* em meio ao samba—10—6—7—13—2—6

Já Vesper no zimbório a luz espalma
annunciando o morno *fim* do dia;—11—12—8—4—2
é no sertão que mais nos toca na alma
essa hora extrema de melancholia!

O véo da noite, affim, envolve o ambiente.
Silencio em torno. E o pensativo asceta,
no brilho de uma estrella — como o poéta —
o olhar demora, *INERTE* e indifferente!

(Em Campos — 928).

Royal de Beaureveres

Tropeça aqui, cae acolá,
Em feia e grossa *bebedeira*;—1—2—3—1—7
Balança o "*peso*" para lá,—1—2—8—5—6
Do corpo, assim, na borracheira.

E' um *terror* ter vida amarga,—7—6—7—4—2
No *afan* de estar sempre beber!—1—3—5—4—7
E para a morte o passo alarga...
— *Alcoviteiro*, sem saber...

Principe Wagran (Do Pentagono Napoleonico — Bahia).

Saudando os collegas de além-mar.

Se queres ser feliz e acaso o teu *desejo*—1—4—3—6
Consiste no prazer de amar e ser querido,
Não procures juntar ao goso appetecido
O ephemero dulçor impudico de um beijo...

Desdenha da "*mulher*" que te sorrir sem pejo,—2—5—5—6
Que falta de pudôr e sempre o esnegrecido
Abysmo, onde se acoita um genio femen-tido
Que vive a gargalhar, em tetrico bocejo!

Trama com teu affecto hellenico e fecundo—6—3—1—2
Um somno angélical, maior que o proprio mundo
E puro como a flôr mais candida e modesta...

E, assim, conquistarás a *estranha* Felicidade,—3—2—3—6
Que existe, meu amigo, a regia castidade
Do excelso coração de uma "*mulher*" honesta!

Pizarro (Aracajú)

"*Do Cabo o capitão do porto*",—1—2—3—4—8—9
Na "*freguezia de Portugal*",—2—3—7—5
Comprou grandes *braços da cruz*—1—8—2—6—7—5
Para jogar no "*rio*" Coral.—9—5
Conceito: "*Freguezia*"

Duque de Paus (Bahia)

O sol dá vida e calor,—11—3
A tudo que a terra *cria*,—8—9
Transforma os cardos em "*flor*",—5—3
—11
Desmascara a vilania.

Augmenta o perfume á rosa—2—10
Dá brilho ao duro rochedo,
Desbrava a "*féra*" raivosa—8—4—1—9
E desfaz qualquer enredo.

E' do sol, a "*divindade*",—8—7—9—6—2
Que o são principio inspira.
E só do *sol*, a verdade,—8—7—9
Fulminar pode, a *mentira*,

Dos Santos (Ipameri, Goyaz)

Ao "Magala"

Não posso conceber, meu caro, é *como*—
2—3—8
Mostrando ser você admirador
Do belo sexo, tenha certo assomo
Em não ter companheira! Ela é *valor*—11
—6—9
Que á terra de prazer nos *consolida*—3—7
—10
E suavisa melhor esta cruzada!
Pense bem, pois na quadra d'esta vida,
O casamento é bela *temporada*.—10—9—1
Desconfio que ao ler-me diga: *Ui!*—4—7
—1
Não me farás cair não figurão!
Se nunca amigo seu mostrei que fui,
Póde crêr, que inimigo *tambem não*.—7—
—8—5

Mas um dia dirá: Era verdade!
(Não me faça esperar sá por acinte)
Tinha razão! Casei! Perdão confrade!
— Dir-lhe-hei com prazer: *Déste no vinte!*

Euristo (Da T. E. — Lisbôa)

A alguem...

Dizem ser apartamento
dar um lenço, como prenda;
e o teu lenço, linho e renda,
não desmente esse tormento.—2—6—5

Um vestigio, como lenda,
de um amor que teve alento;
que de ti, nem mesmo tento
um olhar que *abale* ou prenda.—4—7—1

O lenço, guardo-o, deixal-o,
fica bem *qual* um legado,—3—4—7
no cofre dos meus segredos.

E se hoje estive a miral-o,
é que prezo esse bordado—5—4—2
como *apuro* dos teus dedos.

Belves (Da T. E. — Lisbôa)

P R A Z O S

Terminarão: a 24 e 29 de Setembro proximo e 5, 7, 9 e 14 de Outubro seguinte. O primeiro prazo refere-se aos decifradores desta Capital e localidades proximas servidas por linhas ferreas ou via maritima; o segundo, aos dos outros pontos mais afastados de S. Paulo, Minas e Estado do Rio, e bem assim os do Paraná e Espirito Santo; o terceiro, aos da Bahia, Santa Catharina e Rio Grande do Sul; o quarto aos de Sergipe, Alagôas e Pernambuco; o quinto, aos da Parahyba até o Piauhy e bem assim os de Matto Grosso; o sexto, aos restantes e aos de Portugal, sendo que de Sergipe para o Norte, bem como para essa ultima nação européa, as listas de soluções que forem postas no correio no dia da terminação dos prazos, marcados mais acima, serão acceitas, sendo a nossa verificação feita pela data do carimbo postal.

As justificações relativas aos pontos recusados e toda outra reclamação referente ao presente numero, deverão vir dentro dos dois terços dos respectivos prazos.

ENIGMAS PITTORESCOS 327 a 330

Em homenagem aos charadistas luzitanos

Jásbar (A. C. L. B. — Dôres de Indayá, Minas).

Sui Generis

NOTA — Por serem 80 os trabalhos deste numero, demos mais 15 dias além do prazo habitual.

Aos confrades luzitanos

Pan (Da Trindade Œdipica — S. Luiz, Maranhão).

ERRATA

Do nº. anterior:
Antiga, de Pizarro: — "atro" — e não — "atroa". — (9º verso).

SOLUÇÕES

Do n. 1.339:
Ns. 31 — Auspicioso; 32 — Coroado; 33 — Igaruana; 34 — Soalho; 35 — Sazonado; 36 — Apagear; 37 — Uniformar; 38 — Europa; 39 — Fenomeno; 40 — Abalar; 41 — Corça; 42 — Inchação; 43 — Plantador; 44 — Conservador; 45 — Caçapo (laparo); 46 — Tinote; 47 — Engelfado; 48 — Arranjo; 49 — Belladona; 50 — Latericio; 51 — Fortunado; 52 — Acheganças; 53 — Pedra Lisa; 54 — Alanceado; 55 — Volteado; 56 — Vivacidade; 57 — Contrafeito; 58 — Ximenes Pajol; 59 — Embarcação; 60 — O mar tem mysterios e mysterios de Deus.
NOTA — Justificação, dentro do prazo regulamentar de — *peneirado* — para 55.

DECIFRADORES

Do n. 1.33j:
Anhangá (S. Paulo), Therezinha (idem), Pompeu Junior (idem), Jubanidro (idem), 29 pontos cada; Arthano (S. Paulo), 26; Violeta (Recife), K. Nivete (idem), 22 cada; Dama Verde, 21; Barbazul (S. Paulo), 20; Guaxupé (Curityba), Ave da Sorte (Bahia), Aventureira (idem), Duque de Paus (idem), Aureo Marques Vidal (idem), 19 cada; Olivares (Pomba), 16; Thalia (Rio Grande), 11; Altivo Trindade (Formiga), 10.
Do n. 1.338:
Guaxupé (Curityba), 20.

FALLECIMENTO DE UM CHARADISTA LUZITANO

Pelo *O Charadista*, orgão da Tertulia Œdipica, de Lisbôa, soubemos do infausto passamento do nosso estimado confrade major José Leoni Palermo de Faria (J. L. P. F.), presidente da associação charadistica acima falada, por cujo progresso tanto se esforçou em vida. O charadismo mereceu sempre delle o mais devotado carinho.

Agora mesmo andava elle empenhado no movimento em favor de um regulamento commum a brasileiros e luzitanos, tendo em vista a approximação entre ambos os povos.

A patria portugueza nunca lhe esquecerá o sangue que derramou em sua defeza na conflagração européa de 1914.

Foi um charadista respeitavel não só pelas suas producções de elegancia e a perfeição peregrinas, como tambem pelo seu espirito pertinaz e offensivo no ataque a uma charada, que raramente resistia.

Pezames á illustre familia, á T. E. e a todos os portuguezes d'aqui e d'além-mar.

MAIS PREMIOS PARA O ACTUAL TORNEIO

A *U. C. B.* offerece 6 exemplares de "Coisas do Cinema", livro de versos humoristicos, de J. Poliegoni, seu presidente effectivo, para 6º, 7º, 8º e 9º logares e para quem attingir 1|2 e 1|5 dos pontos obtidos pelo vencedor de 1º logar.

Carlos Costa, da Bahia, em vista de ninguem ter preenchido as condições estabelecidas, offerece o premio do nº. 1.349, de 12 de Maio ultimo, o romance de Machado de Assis, — *Esaú e Jacob* — ao que chegar em 10º. logar.

Ignotus tambem offerece o "*Inverno em Flôr*", de Coelho Netto, ao autor do trabalho mais difficil, devendo o julgamento ser feito por votação, tal qual como para o do *Melhor Trabalho*.

Pedem que declaremos que elles estão excluidos dos respectivos premios.

O Malho agradece essa gentileza dos offertantes.

BIBLIOTHECA DO ALBUM DE ŒDIPO

Recebemos e agradecemos *O Charadista*, nº. 3g, de 15, e o *Brasil-Charada*, nº. 52, de 31, ambos do mez findo.

CORRESPONEDNCIA

De 23 a 29 do mez findo recebemos trabalhos dos segintes charadistas: Violeta (1 novis., 1 ant.), Pedro Strong (1 novis., 2 enig.), Rei dos Incas (1 log.), Miltuna (1 log., 1 enigma), Ulrica (1 enigma), Dr. Gregorinho (1 novis., 1 em verso).

Jofralo (Lisbôa) — A 27 do mez findo endereçamos-lhe uma carta contendo suggestões referentes ao regulamento em estudo. Recebeu?

Guaxupé (Curityba) — De quem é a culpa? Ha muito que já devia ter sido publicada a sua inscripção; mas só agora é que o collega dignou-se a remetter as respectivas notas, sabendo, como confessou, que ellas eram precisas. Nós, tambem, não nos podemos lembrar de tudo, principalmente quando a parte affirma que não desconhece o seu dever. Agora é que vamos estudar os trabalhos enviados; sahirão no proximo torneio, se estiverem em condições.

K. Nivete (Recife) — Não sabemos que trabalho é esse com referencias a Tenente; nada temos aqui nesse sentido. Os dous enigmas, ultimamente enviados, vieram já quasi ao fecharmos a porta; se houver logar publicaremos ao menos um.

MARECHAL

MAGUAS SECRETAS

Este amor, que trago n'alma,
Com tanto zelo e carinho...
E' meu condão... minha palma.
Raio de luz... no meu ninho!

Bem sei que não mais amada
Busco, em vão, os teus carinhos,
Quero a rosa alcandorada:
Mas só alcanço os espinhos...

Depois do inverno estar findo
— Eis que surge a primavera!...
Depois desse amor tão lindo!
— Nasce a illusão e a chimera.

Meu Deus, que triste contraste,
Nas estações e no amor...
Assim que o inverno parte,
Surge a primavera em flôr!...

Aquella singela flôr.
Plantada pela amizade...
Despetalou-se de dôr!
— Ai como dóe a saudade.

MAGDA ROCHA.

A mulher da escada

(Fim)

Olhei para Hercules Poirot. Estava com um ar tão confuso, que quasi fazia rir.

— Então os "Quatro" venceram mais uma vez! — murmurou. — E, o que tem você na mão, Hastings?

Era um bilhete. Estendi-lh'o.

— A condessa rabiscou isto, antes de partir — expliquei.

Poirot leu-o: "Au revoir." I. V.

— Assignado com as suas iniciaes: I. V. — exclamou. — E, que coincidencia: ellas formam tambem um numero 4 (IV)!

Ah, é assombroso, Hastings, é assombroso!

ANELEH

FABRICA DE CHAPÉOS RAMENZONI

Os nossos distinctos amigos Srs. Dante Ramenzoni & Cia. Ltda., tiveram a gentileza de convidar *O Malho* para visitar a sua fabrica de chapéos sita á rua Lavapés, 192, em São Paulo, a qual representa no Brasil e na America do Sul, a maior installação deste genero.

Apezar do bom conceito em que tinhamos esta grande empreza, através dos excellentes artigos de sua fabricação, registramos com prazer que a realidade do que vimos neste centro de trabalho, excedeu a nossa espectativa.

Além de apparelhada para supprir o mercado nacional de chapéos de feltro e palha para homens, segundo os typos mais modernos e elegantes, o estabelecimento dos Srs. Dante Ramenzoni & Cia. Ltda., impressiona bem pelo conjuncto de suas linhas architectonicas e principalmente, pela noção de hygiene e conforto que os seus dirigentes souberam imprimir-lhe.

Desde os amplos escriptorios e os gabinetes da directoria onde se sente o bem estar dos interiores inglezes, até as secções technicas de maior actividade, tudo attesta asseio, ordem e perfeita organisação.

Em taes condições, não é para admirar que, os chapéos Ramenzoni, possam galhardamente concorrer com os similares estrangeiros nas praças sul-americanas, onde conquistaram solida reputação, após 30 annos de aperfeiçoamentos continuos.

A capacidade da fabrica Ramenzoni é para produzir uma média de 3.000 chapéos diarios, sendo que está habilitada a crear sempre typos novos das côres mais variadas e a satisfazer a contento, as exigencias da sua numerosa clientela.

Tendo acreditado a sua marca em todas as praças do paiz, os operosos industriaes paulistas, estudam agora, as possibilidades de introduzir os seus chapéos em outros mercados da America do Sul.

C H O V E

Chove. A toalha branca da neblina
lá ao longe
cobre a campina.

Chove. De tedio, de tristeza
as montanhas dormem.
As arvores tambem dormem,
sonham e tremem assustadas
quando as folhas molhadas
talvez para distração
desprendem sorrateiramente
e vêm com vento
brincar no chão.

Chove. Ah! tem tanta graça
esses fios de chuva que do meu quarto
brincam na vidraça!...

Chove. Faz frio. Sopra o vento.
Mas que importa?
Embora não te possa vêr
tenho o teu perfil no meu pensamento.

ORLANDO DE SOUZA

DICIATTEO
PARA PESSOAS DISTINCTA
Calçado Diciatteo S. PAULO

TOSSE REBELDE, BRONCHITE, ROUQUIDÃO, GRIPPE, ESCROPHULOSE, ASTHMA, FASTIO, MAGREZA, LARYNGITE.
TONICO DE VALOR.
PULMOGENOL
A SAUDE DOS BRONCHIOS E DOS PULMÕES
NAS BOAS PHARMACIAS, DROGARIAS E NO DEPOSITO
AV. FRº BICALHO 405-RIO.

Não Basta Lêr!

E' preciso lêr com proveito!

Procurae tirar algum proveito das vossas leituras, não vos deixando tentar por essa literatura de cordel, que apenas serve para envenenar o espirito.

As obras que se annunciam nesta pagina foram editadas com o pensamento de offerecer aos leitores novellas moraes, mas com lances de heroismo, com episodios fortes da vida real e da imaginativa, que deleitam grandemente.

Tres Obras de Enrêdo Maravilhoso!

CADA UMA DESTAS OBRAS, EDITADAS EM ARTISTICOS FASCICULOS ILLUSTRADOS, PELA SOCIEDADE ANONYMA "O MALHO", CUSTA 3$000 NO RIO OU PELO CORREIO.

ESSES FASCICULOS PODERÃO SER PEDIDOS, COM A REMESSA DE 3$000 PARA CADA LIVRO (6 FASCICULOS), EM DINHEIRO OU EM SELLOS DO CORREIO.

O Poder Mysterioso

Desta assombrosa novella de Hans Dominik, o mais popular romancista teuto, foram vendidos cerca de cem mil exemplares só na Allemanha, em dois mezes! Dizendo-se isto e que as scenas se consideram occorridas no anno de 1955, mais não é preciso accrescentar-se.

ELLA

"ELLA" é o titulo da mais suggestiva e maravilhosa novella do romancista inglez e que está traduzida em todas as linguas modernas. E' a historia de uma mulher satanica e linda, linda, que viveu muitos seculos á espera do amante que quando afinal chegou, foi por ella mesma assassinado..

Brutos, Homens e Deuses

E' esta a historia do sovietismo feroz que implantou o terror na Russia. Livro formidavel, escripto pelo sociologo polonez Fernando Ossendowski, deve ser lido por todos os patriotas brasileiros.

Escreva hoje mesmo para

SOCIEDADE ANONYMA "O MALHO"

Rua do Ouvidor, 164
Rio de Janeiro

Officinas Graphicas d'O MALHO